

convergencia

OUT — 1974 — ANO VII — Nº 74



- 1. O SACERDÓCIO, SÍMBOLO DA COMUNIDADE CRISTÃ**
Frei Fernando A. Figueiredo, OFM — página 1099
- 2. ASPECTOS RENOVADOS DA VIDA RELIGIOSA**
Irmã Maria Aparecida Guimarães, MJC — página 1107
- 3. OBJETIVOS DA CLAR NA RENOVAÇÃO DA VR**
Pe. Carlos Palmés, SJ — página 1122
- 4. PARA O RETIRO MENSAL: DOMINGO, PÁSCOA SEMANAL**
Frei Alberto Beckhäuser, OFM — página 1134
- 5. LIBERTAÇÃO DA MULHER NA AMÉRICA LATINA**
Irmã Maria Agudelo, ODN — página 1141

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

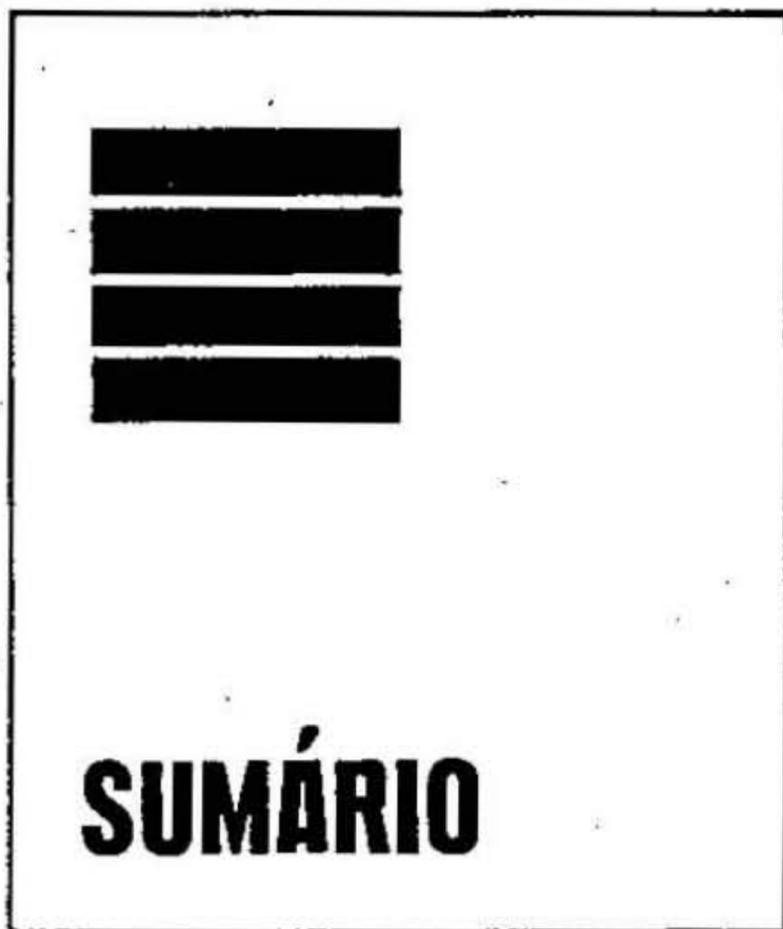
Assinaturas para 1974:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea) . Cr\$ 50,00
Exterior, remessa marítima
..... US\$ 15,00
Avulso Cr\$ 5,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



EDITORIAL	1097
O SACERDÓCIO, SÍMBOLO DA EXISTÊNCIA DA COMUNIDA- DE CRISTÃ , Frei Fernando A. Figueredo, OFM	1099
ASPECTOS RENOVADOS DA VIDA RELIGIOSA , Irmã Maria Aparecida Guimarães, MJC .	1107
OBJETIVOS DA CLAR NA RE- NOVAÇÃO DA VIDA RELI- GIOSA NA AMÉRICA LATINA , Pe. Carlos Palmés, SJ	1122
PARA O RETIRO MENSAL: DO- MINGO, PÁSCOA SEMANAL , Frei Alberto Beckhauser, OFM	1134
LIBERTAÇÃO DA MULHER NA AMÉRICA LATINA , Irmã Ma- ria Agudelo, ODN	1141
LIVROS NOVOS	1155

O Concílio estabeleceu que todas as famílias religiosas realizassem Capítulos Gerais Especiais, e confrontassem sua vida com as instituições carismáticas dos fundadores; e se perguntassem então se o modo de vida atual correspondia à que o Espírito Santo havia suscitado.

E mais, não se tratava de copiar materialmente os gestos e as palavras do passado mas a intuição fundamental do carisma, vivê-lo dentro da realidade concreta que nos cerca: num mundo voltado para a técnica, dominado pelas leis do consumo, numa sociedade cindida por violentos contrastes de ricos e pobres, dominados e dominadores, livres e escravos.

Sem dúvida os religiosos mostraram disposição e boa vontade para esta empreitada, por sinal nada fácil, visto exigir mudanças de mentalidade e conversão. O primeiro fruto positivo foi um sincero esforço de volta ao Evangelho, que teve como consequência levar cada comunidade, na situação e na realidade em que vivesse, a ser **sinal visível** da presença de Cristo entre os irmãos.

O irmão pobre, subdesenvolvido, despojado, deserdado, sem teto; sem comida, foi sem dúvida, a realidade que mais questionou



EDITORIAL

a vida religiosa. Reconhecendo nestes irmãos, os prediletos de Cristo, para junto deles se deslocaram os religiosos em grande número.

Não se trata de uma atitude política de comiseração ou tentativa de acalmar a consciência. Este comportamento é fruto de uma convicção evangélica de solidariedade com os mais pobres, levando ao movimento das "Pequenas Comunidades".

Cada ambiente tentou a seu modo. Nós na América Latina e no Brasil, dentro do subdesenvolvimento em que vivemos, buscamos não copiar fórmulas estereotipadas. Cristo para convencer João Batista de que ele era o Messias disse aos mensageiros: "Ide e contai a João o que ouvistes e o que vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, o Evangelho é anunciado aos pobres", Mt 11,4.

Os religiosos testemunhariam também o Evangelho, agindo. Se quiséssemos sublinhar algumas características desta atitude, diríamos: que ser uma vida mais solidária com os pobres, testemunhando amor fraterno, em comunidade, inserida na Igreja universal e particular; uma vida centrada na oração e em torno da Eucaristia, expressando a responsabilidade missionária do cristão.

Neste número o leitor encontrará um trabalho de **Frei Fernando Figueredo**, jovem e promissor teólogo, sobre o sacerdócio ministerial. Há boas sugestões para a vivência comunitária eucarística.

Irmã Maria Aparecida Guimarães descreve alguns aspectos renovados de vida religiosa, na realidade concreta do Brasil. Bom material para um exame de consciência.

Nesta linha segue o trabalho do **Pe. Carlos Palmés**, sobre as principais tendências de renovação da vida religiosa na América Latina. Não obstante as dificuldades, emerge um sadio otimismo a respeito da Igreja.

Dando seqüência à temática sobre a mulher, apresentamos uma conferência da **Irmã Maria Agudelo**, sobre os movimentos de libertação da mulher na América Latina, completando o que anteriormente publicamos sobre o assunto.

Frei Alberto Beckhauser dá continuidade às meditações mensais com o tema: O Domingo, Páscoa Permanente. Sugestivas orientações para a vivência litúrgica comunitária.

Frei Constâncio Nogara

O SACERDÓCIO, SÍMBOLO DA EXISTÊNCIA DA COMUNIDADE CRISTÃ

O sacerdócio possui uma variedade de aspectos que não poderiam ser abordados neste limitado artigo. Contentamo-nos em salientar aquele em que o sacerdócio cristão aparece, na Tradição e na Escritura, como uma estruturação da comunidade cristã. Nela ele encontra seu sentido ao ser compreendido como constituindo uma relação e uma relação específica. Esta relação é do gênero do "encontro-com-o-outro", ou seja, um "estar-com", que é um projeto de acolher o outro, projeto que é um convite à reciprocidade e que lhe permite de estar consigo mesmo.

Para melhor compreensão deste aspecto vejamos sua conexão com o sacerdócio do Cristo e do Povo de Deus.

1. O sacerdócio de Jesus Cristo

Não é possível falar do sacerdócio cristão sem referir-se ao sacerdócio transcendente e único de Jesus

Cristo (1). A originalidade do sacerdócio do Povo de Deus funda-se em sua referência ao sacerdócio de seu fundador; assim como o ministério sacerdotal se define enquanto participação da missão do Cristo.

Se no Novo Testamento não há referência a sacerdotes cristãos ou o Cristo jamais se atribui o título de sacerdote, ele define no entanto sua missão em termos de ressonância sacerdotal. Seu sacerdócio era pois tão diverso do que se entendia então, que jamais ocorreu a um de seus contemporâneos de atribuir-lhe o título de sacerdote.

Nos Evangelhos Sinóticos a consciência profética (envio-missão) do Cristo aparece com maior nitidez que sua consciência sacerdotal. Porém, a pregação do Reino conduz ao sacrifício aquele que fora enviado e sua morte será compreendida como aquela do Servidor (Mc 10, 45, retomando Is 53, 10-12): "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua

vida pela redenção de muitos". O ministério do Servidor de Javé é outrossim de intercessão (Is 53, 12 em Heb 9, 28), além de ser ele, como reflete o texto acima citado, aquele que ofereceu sua vida em expiação (Is 53, 10).

Os Sinóticos e, de modo especial, S. João exprimem a missão do Cristo em **termos cultuais**. Jesus se atém ao Templo e ao sacerdócio levítico para proclamá-los abolidos, ao mesmo tempo que institui o culto perfeito. Quando da expulsão dos vendilhões do Templo, Jesus declara que o reconstruirá em três dias (Jo 2, 19); afirmação esta que ouvimos dos seus próprios acusadores em Mc 14, 58 ou dos transeuntes ao se encontrar no patíbulo da cruz (Mc 15, 29) (2).

Ele é a "pedra de ângulo" (Mc 12, 10) deste novo Templo ou, no dizer de Paulo, o "fundamento" (1 Cor 3, 11-12; Ef 2, 20). Mais ainda. É ele o novo Templo (Mt 23, 38-39), idéia esta encontrada freqüentemente em S. João, para quem o **novo culto é o próprio Jesus** (Jo 2, 19; 4, 21-24 etc.).

É sobretudo no contexto de sua missão redentora que os evangelistas se exprimem em termos cultuais. Os Sinóticos, por exemplo, falam da morte do Cristo como se fora um "batismo" (Mc 10, 38; Lc 12, 50) evocando o julgamento ao qual Jesus se submete para obter o perdão para os pecadores e a purificação para todo o Povo. Sua morte, como aquela do Servidor, é o sacrifício expiatório pelos pecados da multidão (Mc 10,45).

Mas é na epístola aos Hebreus que nós temos a melhor expressão do sacerdócio do Cristo. Ela reflete a consciência já evoluída de certas igrejas cristãs do ano 80 ou 90, nas quais o Cristo é chamado de "Sacerdote" e mesmo de "Sumo Sacerdote". Uma vez que o sacerdócio levítico deveria desaparecer, a designação de sacerdote ao Cristo é entendida de modo completamente novo. Jesus é sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque" (5,6), ordem esta não arrolada entre as instituições judaicas. Melhor, ela é anterior ao estabelecimento destas instituições. Seu sacerdócio é considerado perfeito e universal em razão de uma origem não humana: Ele é Filho de Deus desde seu nascimento. Assim seu sacerdócio começa nos primeiros momentos da Encarnação e seu programa será: "Não quiseste sacrifício nem oblação (ritual). Eis-me para **fazer a tua vontade**".

O sacerdócio de Jesus foi anunciar a Boa Nova do Reino, amar e servir aos irmãos, pregar e viver a vontade do Pai. A ceia Eucarística será o ápice de todos os momentos desta doação do Cristo e nela os cristãos comemoram e renovam tal doação enquanto ele continua presente entre eles e é o Sumo Sacerdote que "entrou uma vez para sempre no santuário, depois de ter conquistado uma redenção eterna" (Heb 9, 12).

O ofício sacerdotal do Cristo continua no céu, não por uma continuação de seu sacrifício, mas por sua intercessão: "Ele sempre vive

para interceder por eles" (7,25). Este "interceder pelos homens — segundo Beda — é apresentar sua humanidade ao Pai que lhe é coeterno; rogar pela natureza humana, é ter assumido esta natureza na elevação da divindade".

2. O sacerdócio do povo de Deus

É todo o povo cristão que participa do sacerdócio do Cristo. Entre outros textos temos 1 Pd 2,4-5: "A Ele haveis de chegar-vos, como à pedra viva rejeitada pelos homens, junto de Deus, porém, escolhida, preciosa; e vós mesmos, como pedras vivas, sede edificadas em casa espiritual e sacerdócio santo..." No versículo 5 a menção "por Jesus Cristo" indica que é graças ao Cristo e por sua união com ele que os cristãos rendem a Deus o novo culto. Em Apoc 1,5-6.5,10 é o Cristo quem faz dos cristãos um "reino de sacerdotes".

O novo Povo de Deus é um povo sacerdotal enquanto ele é um Povo profético, espiritualmente sacerdotal e um povo real.

Jesus nunca se refere aos textos do A.T., como Êx 19,6 e Is 61,1, nos quais o Povo de Israel é designado como "reino de sacerdotes e nação consagrada". O novo povo está a serviço da Palavra (Lc 10,1), a qual deve dar seu testemunho (Mt 5,16). Este serviço não se limita aos Doze, os quais, antes de serem os chefes, foram os primeiros membros deste Povo. Esta pregação é vista na linha do sacrifício, o que faz transparecer a qualidade profético-sacerdotal de toda a Igreja, como no-lo atesta de modo claro a 1 Pd 2,1-10: "...vós sois uma raça escolhida, um sacerdó-

cio régio, uma nação santa... a fim de que **proclameis** o poder daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa". É pois toda a Igreja o "órgão" do Espírito, princípio de salvação difundido no mundo. Esta função querigmática ou missionária possui alcance cósmico e a Igreja a realiza pela pregação do Evangelho e por seu próprio desabrochar.

S. Paulo exprime o sacerdócio do novo Povo de Deus em termos especificamente sacerdotais: os cristãos são "hóstias vivas, um culto espiritual". É este culto aquele da fé (Fil 2,17-18), da vida cristã toda inteira, as boas obras e o sofrimento na imitação do Cristo (1 Pd 2,20ss), a prece (3,7. 4,7), a caridade que apaga os pecados (4,8). Ser sacerdote e oferecer sacrifícios no N.T. exprime essencialmente a vida dos cristãos orientada, segundo a vontade de Deus, na prática do amor a Deus e ao próximo.

O Apocalipse 1,6 fala de um "reino de sacerdotes" acentuando a idéia de realeza e de sacerdócio dos fiéis. Os cristãos sucedem ao Povo de Israel e são constituídos em um reino no qual Deus é o rei e do qual todos os membros são sacerdotes.

Como Israel era um povo sacerdotal entre os demais povos, assim a Igreja nos tempos de então. Porém como em Israel havia um sacerdócio propriamente dito, não podemos deixar de ver aqui uma porta ao sacerdócio cristão. Se no N.T. não há referência a sacerdotes cristãos, cremos que em grande parte é consequência da tendência de não utilizar a terminologia sacral do cul-

to pagão ou a do Templo para designar o novo sacerdócio cristão. Ademais, a Igreja de Jerusalém não

rejeita o sacerdócio judaico. Os cristãos desta comunidade continuam a freqüentar o Templo (At 21,26).

3. Aparecimento do sacerdócio cristão

O surgimento do sacerdócio cristão liga-se intimamente ao fato do Cristianismo possuir um sacrifício para o qual se requer um presidente. Esta condição foi preenchida quando a Eucaristia foi vista como um sacrifício não-cruento substituindo os sacrifícios cruentos dos judeus, não mais celebrados após a destruição do Templo no ano 70 de nossa era.

Tal concepção nos é confirmada no final do primeiro século pela Didaqué: "Reuni-vos no dia do Senhor para fração do pão e agradecei (celebrai a Eucaristia) depois de haverdes confessado vossos pecados, para que vosso sacrifício (thysia) seja puro" (14,1). Tal passagem alude ao profeta Malaquias 1,10-11, texto que se tornou muito importante para a compreensão da Eucaristia cristã: "Não acendereis mais inutilmente o fogo sobre o meu altar. Não tenho nenhuma complacência convosco, diz o Senhor dos exércitos, e nenhuma oferta de vossas mãos me é agradável. Porque do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações. Em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras".

A leitura dos profetas era comum entre os cristãos. Em breve as palavras de Malaquias foram aplicadas à Eucaristia, sendo esta considerada a realização da profecia de um sacrifício puro oferecido entre os Gentios do nascer ao pôr do sol, em con-

traposição ao sacrifício que, segundo o oráculo de Javé, não seria oferecido por muito mais tempo pelos sacerdotes judaicos.

Notemos que a Didaqué 13,3 ao falar dos profetas denomina-os de "Sumos Sacerdotes". Numa passagem anterior parece indicar que tais profetas são convidados a celebrar a Eucaristia (10,7). Eles a celebravam a modo dos judeus: benziavam e davam ações de graças sobre o pão e o cálice, o que os leva a aparecer — devido às reiteradas celebrações eucarísticas, como proclamação e memorial da paixão de Jesus Cristo — como possuindo uma função sacerdotal, da qual tomam consciência.

Quanto à presidência da Eucaristia devemos dizer que, segundo costume judaico, esta cabia sempre ao "mais digno". Para tanto fazia-se um convite e caso houvesse alguém mais honorável seria este quem presidiria a ação de graças como vemos, por ex., na Didaqué referindo-se aos apóstolos, profetas e doutores. Isto valia sobretudo para os Doze. Na ausência de alguém mais honorável, a presidência era exercida pelos presbíteros, por rodízio. Pouco a pouco os ministros da Igreja local tornam-se os "honoráveis" e deixa-se de fazer o convite, nascendo o princípio de que são eles quem devem presidir à mesa e dizer a bênção.

Recordemos que os anciãos (presbíteros) representavam no judaísmo a Tradição e eram ao mesmo tempo os líderes naturais e defensores da idéia de ordem, em geral. É verdade que o Cristianismo não vive do passado e de uma lei, mas da experiência no presente de uma nova soberania de Deus e da esperança do retorno do Senhor. Todavia, ele se liga a um fato do passado: acontecimentos, palavras, a ressurreição de Jesus que devem ser transmitidos e conservados. Esta Tradição é não menos um elemento constitutivo primário da Igreja que o Espírito do Cristo nela continuamente presente. Os anciãos deverão ser os mantenedores de tal Tradição, enquanto ela

4. O sacerdote na comunidade cristã

Uma comunidade cristã é Igreja ao ser constituída como tal pela Palavra de Deus. Esta Palavra é a própria presença de Deus em sua ação convocadora e transfiguradora. Por ela os homens são convidados à linguagem divina expressa pela fala humana, à qual se confere uma nova significação. Surge uma nova articulação da fé, por força da qual os homens são irmanados dando origem a uma comunidade. A comunidade não é, pois, resultado de uma "psique" coletiva ou de um elã vital perpassando os seus membros, mas é a união de todos no Deus revelado em Jesus em um comum julgamento de fé transmitido por uma Tradição comum.

São, pois, a Palavra preveniente (que antecede) de Deus e nossa adesão de fé a esta Palavra que consti-

é a evocação da Palavra preveniente de Deus, por ela significada.

Com o desenvolvimento da teologia eucarística, os presbíteros-cristãos serão compreendidos não só como "anciãos" à moda judaica, mas também "sacerdotes" no sentido sacral do termo, permitindo traduzir a função por eles exercida pelo título "hiereus" (sacerdote). Eles continuam a ser fundamentalmente membros do Povo de Deus, não obstante seu ministério específico de fundamento e órgão, guia e consciência da comunidade, recebido pela imposição das mãos (1 Tim 4,14; 2 Tim 1,6) e sempre de novo atualizado na celebração eucarística.

tuem a Igreja, das quais o sacerdote é o símbolo.

A. Palavra preveniente de Deus manifestada à comunidade

Por força da lei da Revelação tal Palavra deve ser manifestada à comunidade, pois é através do sensível que o homem atinge o inteligível, pela representação à significação e pelo símbolo ao sentido de sua existência.

Deus é inefável. Nós não o vemos. Toda tentativa meramente humana para atingi-lo é fadada ao insucesso. Não somos nós que tocamos Deus, mas é Ele quem nos toca. Ele se revela historicamente, exprimindo-se no tempo enquanto sua Palavra se articula em nossas palavras, no simbolismo de nossa fala e de nossas atitudes.

A Palavra proveniente de Deus a convocar a Igreja deve ser significada historicamente e expressa no tempo segundo nossa fala e nossas estruturas humanas. Tal se faz pela Escritura, pelo outro cristão que, por exemplo, nos transmite a Palavra e pela própria comunidade enquanto tal.

Proclamada na Igreja e sob a influência do Espírito Santo, a Escritura revela a cada comunidade o mistério de Deus em Jesus Cristo, do qual ela se origina. É bom notar que a Escritura chega até nós pela Tradição que é interpretação sempre sob a influência do Espírito Santo. Na leitura da Escritura, a comunidade deve ser remetida à Tradição, o que é feito por aquele no qual a comunidade se reconhece como tal. Não que ele tenha poder sobre a interpretação, muito menos ainda sobre a Escritura ou que nele se constitua o sentido da Tradição ou da Escritura.

Sua função é de remeter, como **símbolo**, a comunidade à Palavra proveniente de Deus, enquanto esta é o vigor evangélico sempre presente e atuante na Igreja. A Igreja se processa — poderíamos dizer — na afeição contínua à Palavra. Esta só é apreendida através da Igreja na medida em que no desabrochar dela a Palavra é mantida como aquela que lhe confere a possibilidade de ser. A Igreja é a Palavra pronunciada (originada) a nos remeter à Palavra originante. É no esforço de apreendê-la que a Igreja se processa, que ela se torna História. O ministro é justamente o símbolo desta Palavra originante ou proveniente ja-

mais esgotada por ser a fonte donde emana o ser próprio da Igreja.

É o ministro que, encontrando a comunidade, “significa” que ela não se salva por ela mesma. Sua salvação provém da Palavra proveniente de Deus em Jesus Cristo e é nela que os cristãos se reconhecem chamados e convocados comunitariamente como Igreja. Ele é **símbolo**, pois esta Palavra em Jesus Cristo não é nunca totalmente apreendida. Por isso nenhum tipo de apostolado ou de ação eclesial é em si mesmo absoluto. Cada um deles deve estar aberto ao dom salvífico e gratuito de Deus, significado pela atitude generosa e despretensiosa daquele que o realiza. Não obstante o integral empenho do ministro em exercer certa atividade, o resultado nunca lhe será condição para o exercício de seu ministério. O que lhe importa é manifestar à comunidade a Palavra de Deus, ainda que esta se lhe apresente de modo diverso daquele que ele se propôs no início. Ele é símbolo na medida em que se maravilha com o modo sempre novo e inopinado de se manifestar desta Palavra.

O ministro significa pois simbolicamente este encontro da comunidade pela proclamação da Palavra em suas formas as mais diversas, cultual, evangelizadora, de ensinamento, como também na realização dos sacramentos, que são a Palavra de Deus em ato e significam o sentido fundamental da existência cristã. A Eucaristia, sacramento primordial, atesta a condição da Igreja e do cristão ‘in via’, e é na sua celebração que o ministro-sacerdote simboliza mais expressamente este

encontro da comunidade com o evento originário da Palavra proveniente de Deus em Jesus Cristo.

No ministro é toda a comunidade que se reconhece sacerdotal enquanto esta participa do único e eterno sacerdócio de Jesus Cristo. O ministro é sacerdote "in persona Christi" a serviço do Povo de Deus, a exemplo do "Cristo humilde", no dizer de S. Agostinho.

B. A comunidade constituída pela adesão de fé

A adesão da comunidade a Deus se exprime em diferentes representações correndo-se mesmo o risco de se cair no particularismo de múltiplas e infinitas modalidades. A Tradição se apresenta justamente como a unidade de todas estas modalidades, não por se reduzir a uma delas, mas por evocar o Cristo, princípio de unidade, e que deve ser constantemente significado e simbolizado pela mesma Tradição no seio da comunidade cristã. O Cristo porém está além de tudo quanto o quer exprimir na Igreja. O mesmo pode ser dito do Espírito Santo. Encontramos nisto a força do símbolo pois há um sentido velado que está além de todo sentido manifesto e que deve ser significado.

O ministro ao falar, não só proclama a Palavra que constitui a Igreja, mas também **significa** esta unidade dos cristãos em sua resposta a Deus. Esta função do ministro na resposta de fé da comunidade a Deus que a antecede é consequência da generosidade divina. Funda-se na gratuidade do amor de

Deus para com suas criaturas, que lhes confere não só o desejo mas a força de o alcançar. É necessário que haja na Igreja responsáveis que tenham este múnus de organização e unificação, que assegurem este serviço da unidade. Eles são cristãos **com** os cristãos e ministros **para** esses.

A Tradição funda-se no evento Cristo sempre presente por seu Espírito na Igreja, mas enquanto inserida no tempo, ela se refere ao passado evocando o fato fundador do Cristianismo. Todavia, este tempo fundador se apresenta, de certo modo, "velado", pois o fato Cristo está intimamente ligado a uma doutrina, a uma fé que lhe determina o sentido religioso. Isto não pode ser verificável e demonstrável por simples métodos histórico-científicos. Tal sentido (a fé em Cristo) se exprime em símbolos compreendidos em uma dupla dimensão temporal: aquela da interpretação viva por parte dos escritores sacros do evento Cristo e que constitui a Tradição (constituente) e aquela da compreensão desta interpretação (Tradição constituída).

O ministro sacerdotal, inserido em uma sucessão temporal que remonta aos testemunhos apostólicos, envia a comunidade, através desta dupla dimensão, ao evento fundador "velado": ao próprio Cristo. O ministro é, pois, o símbolo deste envio ao sentido "velado" do evento originário a Igreja e desta maneira ele significa a resposta da comunidade cristã ao Deus em Jesus Cristo.

No ato eucarístico ele convida a comunidade a se situar na unidade

da tradição sacramental e de seu sentido, que corresponde, numa identidade fundamental, ao sentido de sua existência cristã. Ela se une assim na fé ao evento originário deste sentido, à Paixão e Ressurreição do Cristo, que o sacramento diz em ato (memorial).

Conclusão

O ministro se manifesta sob dois aspectos como símbolo da existência histórica da comunidade cristã:

a) Ele é na comunidade cristã o símbolo da Palavra proveniente de

Deus que constitui a Igreja. Ela Palavra o antecede e foi significada em sua vida pela Palavra e pelo Rito (ordenação). Não é ele pois que antecede a Igreja, mas sim a Palavra de Deus, da qual ele é símbolo.

b) Ele é reencontrado pela comunidade que responde a Deus. Ele é o símbolo da unidade de adesão de fé e da inefabilidade de seu objeto: Deus.

Saindo de si para o outro-comunitário e reencontrado pelo outro, ele retorna a si redescobrimo-se como ministro.

NOTAS

1. MORIM, A., **Le sacerdoce du Christ dans le Nouveau Testament**, Cerf, Ottawa, 1970, páginas 63-79.
2. CONGAR, Y., **Le Mystère du Temple**, Cerf, Ottawa, 1958, páginas 139-181. LÉON-DUFOUR, X., **Le signe du Temple selon saint Jean**, R. S. R. (1951), páginas 155-175.

PUBLICAÇÕES CRB

Últimos lançamentos: Volumes de números 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18. Você já adquiriu na sede de sua Regional? São livros que precisam estar sempre ao alcance da mão.

Subiu Jesus ao monte.
Chamou para junto de si aqueles que ele
mesmo queria.
E eles se acercaram dele.
Escolheu doze para serem
seus companheiros e enviá-los a pregar.

Mc 3, 13-14

ASPECTOS RENOVADOS

DA VIDA RELIGIOSA

IRMÃ MARIA APARECIDA GUIMARÃES, MJC

Conscientes ao chamado do Senhor, desejosos de dar-lhe resposta atual e encarnada, os religiosos e seus institutos percebem que, para anunciar a mensagem da salvação, hoje, devem empreender uma renovação séria e metódica, condição indispensável para que sejam um sinal inteligível e eficaz dentro do mundo atual (1).

A Vida Religiosa é um dom de Deus oferecido à Sua Igreja, que o expressa numa instituição histórica. Por muito tempo, a concepção de Igreja e, conseqüentemente, a da

Vida Religiosa, permaneceu, predominantemente, jurídicista. Chegamos ao Vaticano II, com estruturas rígidas e até certa esclerose.

Com o Vaticano II houve mudança radical de perspectiva, de visão. A Igreja é o Povo de Deus a caminho da casa do Pai, e nela a Vida Religiosa tem o carisma de expressar de modo especial o seu mistério e manter o dinamismo deste Povo.

O Vaticano II lançou-nos um problema novo: para sairmos do jurídicismo, da estagnação, e acompanharmos o processo da evolução

da história há que renovar a Vida Religiosa e não se adaptar. A renovação é renascimento, é dinamismo interior, que busca formas renovadas de vida. Situa-se ao nível do ser da Vida Religiosa.

Ao que nos parece, podemos dizer que a Vida Religiosa se propôs e aceitou o desafio do Vaticano II.

Já o Motu Proprio "Ecclesiae Sanctae" (2) alertava os religiosos: a atualização não pode ser realizada duma vez por todas, pois sendo um processo ora iniciado, em certo sentido deve ser empreendida sem cessar pela atividade dos membros e contar com todo o empenho dos superiores e dos capítulos, e que estes sejam autênticas formas de participação e co-responsabilidade.

Muitas Congregações religiosas iniciaram com coragem o retorno às fontes e à inspiração primitiva e original dos seus institutos e sua atualização e adequação às novas condições (3) dos lugares e tempos, "procurando caminhar por caminhos novos" (4).

Nosso trabalho tenta focar alguns pontos no processo de renovação da Vida Religiosa no Brasil. Simplesmente quer ser um ponto de partida para que os Superiores Maiores, refletindo, possam colocar à disposição uns dos outros a riqueza de sabedoria e experiência que adquiriram na missão que lhes foi confiada. Esta ajuda mútua poderá trazer para a Vida Religiosa do Brasil um novo caminhar para maior louvor de Deus no serviço aos irmãos.

De início, a CRIB enviou aos Superiores Maiores e aos responsáveis pelas Igrejas locais um questionário que serviu de base à elaboração do presente relato. A pesquisa foi bastante restrita, porém, os enfoques, tendo em vista a finalidade do trabalho, são mais amplos.

1. Resposta ou desafio

Vejam os religiosos do Brasil estão respondendo à tarefa que lhes confia a Igreja de Deus para que "ela possa, de fato, manifestar, sempre melhor, Cristo, tanto aos fiéis, como aos infiéis" (5).

Os novos caminhos de que fala o documento da CLAR estão sendo trilhados. Surgem aqui e ali, no dia-a-dia da vida, na simplicidade das coisas de Deus, nas dificuldades próprias da vida do caminhante. Ao tentar responder aos apelos do Espírito que falou no Concílio Vaticano II e que fala continuamente na História, partindo para experiências concretas, o religioso viu entrar em sua vida algo novo: o desafio da secularização e o questionamento insistente que a realidade lhe continua fazendo. Tanto o desafio como o questionamento dinamizam a renovação. É ainda o Espírito falando.

Para atender às condições de tempo e lugar e para respeitar a reação do povo surgem formas renovadas de Vida Religiosa. As mudanças são rápidas e quase vertiginosa é a marcha do mundo de hoje. Devemos pois considerar estas formas de Vida Religiosa que aparecem, por mais dinâmicas que se

apresentem, ainda muito incipientes. Falta-lhes o aprofundamento que a experiência, aos poucos, lhes há de conferir. Aprofundamento que se verificará quando não houver mais euforias momentâneas, racionalização ou absolutização do secundário.

2. As pequenas comunidades

Ontem. Há quatro anos atrás, conhecido teólogo escrevia: "Atualmente vem-se constatando, entre religiosos e religiosas, a tendência para saírem das estruturas comunitárias tradicionais... à procura de novas formas de vida... (6). Entre as novas formas de Vida Religiosa apareceram as Pequenas Comunidades. Sebastiana Rodrigues de Brito sintetizou o estudo que fez em 1969 sobre Pequenas Comunidades do seguinte modo:

"O surgimento das Pequenas Comunidades é fato recente e as conclusões só valem para os grupos estudados. As Pequenas Comunidades trazem as características de uma época de transição. Nelas os religiosos procuram maior participação nas tomadas de decisões e, por isso, o desenvolvimento da co-responsabilidade lhes é natural. Nas Pequenas Comunidades, busca-se a realização pessoal, o engajamento profissional e pastoral, uma convivência mais fraterna. Deseja-se, particularmente, encontrar formas de expressão de vida religiosa para os tempos modernos" (7).

O Pe. Comblin, à época em que escrevia o artigo (1970), nota que, positivamente, as Pequenas Comunidades, formadas por religiosos ani-

mados por uma forte vocação religiosa e decididos a descobrirem os novos caminhos do Espírito, respondem a duas intenções:

◆ Voltar à comunidade primitiva, à comunidade dos apóstolos.

◆ Voltar ao mundo para inserir-se nele e poder evangelizá-lo.

Contudo, as Pequenas Comunidades permanecem na ordem das intenções, dizia ele. Passar da intenção para a realidade implica em outros compromissos mais concretos. Os religiosos e as religiosas que formam as Pequenas Comunidades têm a intenção de voltar à vida simples e evangélica dos primeiros cristãos, dos fundadores do cristianismo ou da Vida Religiosa. Têm também a intenção de "entrar no mundo para ser fermento na massa".

Pe. Comblin constata também a existência de grupos que inconscientemente, por falta de dinamismo espiritual, caminhavam para a secularização em um primeiro passo para a vida civil (8), portanto, um esvaziamento da identidade do religioso.

Hoje. No Brasil as Pequenas Comunidades multiplicam-se, superando deste modo a fase de experiência. São ambientes favoráveis à busca constante de renovação da vida Religiosa. Com esta afirmação não queremos excluir do processo renovador as chamadas Grandes Comunidades. Entretanto naquelas estão surgindo, com mais frequência, novos aspectos de vida religiosa. São novas expressões que tentam traduzir para o mundo hodierno o Evangelho de Cristo.

É uma tentativa de religiosos viverem mais próximos das classes pobres e trabalhadoras, num esforço para desenvolver uma pastoral de libertação do oprimido, buscando ser mais presença, mais serviço, mais encarnação, mais testemunho: procurando as verdadeiras condições para uma ação no mundo, realizam uma convivência mais conforme a do povo: suas residências são simples, casas semelhantes às da vizinhança; isto facilita o contato, a aproximação espontânea e o surgimento de comunhão.

Como vivem internamente

Entre várias descrições semelhantes, uma comunidade masculina assim escreve: Vida de união com Deus, em tempos de oração comunitária. Vida fraterna partilhada com certo horário comum, com tempo de lazer, e recreio comunitário. Vida de reflexão sobre os trabalhos pastorais: planejamento em conjunto, realização pelos setores. Revisão dos meios e metas propostas (9).

Uma comunidade feminina manifesta-se: "A Comunidade sentiu necessidade de se repensar para ir redescobrir seus objetivos. Aquela que seria capaz de animar nossa busca foi emergindo do grupo e a Provincial a confirmou como coordenadora. O caminho foi-se tornando claro, à medida em que o novo grupo tomava consciência dos apelos do Senhor, nesta Igreja.

Três atitudes caracterizam nossos objetivos: **Presença:** estar, o mais possível, **presente** nas várias circuns-

tâncias tristes e alegres da vida do povo, pobres ou ricos, dirigentes ou subalternos, velhos, jovens, casais. **Acolhimento:** nossas portas estão sempre abertas e nossa casa é de todos. Nossa mesa pode ser partilhada. Haverá sempre alguém em nossa capelinha e alguma irmã sempre disponível para escutar. **Oração:** Ao encontro quotidiano de oração comunitária trazemos os apelos do irmão: ecos de riso ou de pranto, carências, desejos, lições de caridade e mesmo de um heroísmo que se ignora, para confrontá-los com nossa própria vida e com a Palavra e o Mistério de Cristo na Eucaristia.

Nosso estilo de vida seria condicionado pelos apelos sentidos: **Eucaristia:** Partilha de oração diária, em torno do sacrário, terminada frequentemente, por ausência de sacerdote, em partilha eucarística. **Fraterno:** Embora nossos horários não nos permitam muitas reuniões, estamos sempre juntas para o almoço e nos sentimos muito comprometidas pelas atividades umas das outras tentando chegar a encontros mais profundos. **Austero e simples:** Já que temos em nossa casa um ambiente agradável e de bom gosto, embora, sem o menor requinte, e que nossas instalações materiais são melhores que as da média das casas vizinhas, colocamos nossa austeridade principalmente na disponibilidade a esse povo que não tem pressa, nem hora para nada, e que recorre a nós em suas dificuldades.

Os trabalhos caseiros são assumidos por nós, não tendo empregada à nossa disposição. Não possuímos

TV, nem podemos recorrer a lazeres que existem nas cidades maiores (cinema, concertos, conferências).

Nossas atividades são exigidas pelas carências e necessidades dos irmãos que nos cercam" (10).

O que fazem junto ao povo

Uma comunidade assim se expressa:

"Nosso objetivo apostólico é: promover a libertação efetiva dos irmãos através da evangelização e catequese, indo em busca de todos, principalmente dos mais necessitados, de acordo com as exigências de tempo e lugar. Para atingi-lo, temos-nos valido de vários meios, que passamos a enumerar.

◆ No Setor de promoção humana:

A construção de casas populares, em mutirão, com auxílio dos mais favorecidos. Cursos de formação doméstica, moral e religiosa, ministrado pelos agentes pastorais, formados pela comunidade. Cursos de datilografia, artes e ofícios. Campanhas sanitárias, com ajuda de treinamento de leigos: combate à verminose, vacinação infantil, fossas, filtro, etc.

◆ No Setor educacional:

O magistério é assumido por nós com duas finalidades: serviço à comunidade local, pela falta de professores, manutenção da nossa própria comunidade. Promovemos reuniões pedagógicas mensais com as professoras, iniciação das comunidades à leitura do Evangelho, tiran-

do mensagem para a vida. Reuniões bi-mensais de pais e mestres.

◆ No Setor Evangelização, catequese e liturgia proporcionamos:

Curso em etapas de formação de catequistas. Estas assumem a catequese nos bairros e na sede paroquial. Realizamos também círculos bíblicos. Estes encontros de reflexão dentro da política da boa vizinhança, "boa amizade". Há um esforço muito grande para nuclear sempre mais as famílias.

A formação e ação de leigos agentes de pastoral, dos coordenadores dos círculos bíblicos, de cursilhistas, tendo em vista sua missão própria na comunidade eclesial, é uma das nossas preocupações.

As reuniões com grupos de jovens para refletir sobre a pessoa do Cristo, à luz do Evangelho, são seguidas de uma parte recreativa com música e cantos.

Realizamos ainda dias de recolhimento e reflexão com jovens e adultos, e mantemos apostolado radiofônico, com dois programas semanais.

Preparamos equipes da paróquia para as celebrações, e nossa oração de Completas é aberta aos leigos com distribuição da Comunhão (11).

Quem visita as comunidades religiosas semeadas por toda a vastidão do território nacional certamente encontrará algo de semelhante ao descrito. Muitas das Pequenas Comunidades se encaminham para serem comunidades animadoras de uma Igreja em renovação. Os reli-

giosos a descobrem e estimulam as lideranças locais e esta Igreja nascente é mais povo de Deus que se educa e cresce assumindo e construindo a própria história.

Alguns dados numéricos

Vejamos alguns resultados da pesquisa realizada pela CRB em março deste ano, junto aos Superiores Maiores dos vários institutos que trabalham no Brasil:

Questionários	Congregações	
	Masculinas	Femininas
Enviados	204	382
Respondidos	68	166
%	33,33%	43,45%

Examinando os questionários respondidos, constatamos: ★ 3.519 religiosas estão liberadas para a pastoral direta local. ★ 2.080 religiosos estão liberados.

A percentagem de religiosos liberados para a pastoral direta local é maior em virtude de muitos serem vigários.

Sempre com referência aos 234 Superiores Provinciais ou Gerais que nos responderam: as comunidades que estão a serviço da pastoral direta são:

- ◆ Femininas 513
- ◆ Masculinas 530

Não foram muitas as comunidades que descreveram o seu modo de viver, mas mesmo assim nota-se

muito definida a ênfase dada à missão do religioso e sua inserção na Igreja local.

Analisando as respostas obtidas e a realidade descrita, ficou claro que o pequeno número de pessoas na comunidade nem sempre é expressão de vida renovada. Percebe-se que as comunidades femininas, em maior número, empreenderam a renovação e que menor número de comunidades masculinas estão se libertando da pastoral tradicional.

Das províncias femininas 146 responderam à pergunta sobre localização e as suas comunidades estão assim distribuídas:

Na periferia das grandes cidades 32,90%

Na Zona Rural	24,65%
Nas missões	18,49%
Na Zona Urbana	17,12%
Entre universitários	4,79%
Em cidades industriais	2,05%
T o t a l	100,00%

Aproximadamente 4/5 destas comunidades femininas estão presentes nas zonas pobres.

Províncias masculinas que se pronunciaram sobre o assunto têm suas comunidades localizadas como se segue:

Na Zona Urbana	33,33%
Na periferia das grandes cidades	18,52%
Em missões	18,52%
Na Zona Rural	17,28%
Em universidade	8,64%
Em cidades industriais	3,71%
T o t a l	100,00%

A percentagem de comunidades que servem em zonas mais pobres é ligeiramente maior do que as que servem em áreas desenvolvidas.

É preciso notar que somente 1/3 das províncias se pronunciaram sobre o assunto. Por outro lado, é inquietante observar (se os números revelam a realidade) que a presença dos religiosos nas fábricas e mesmo nas universidades é inexpressiva, levando-se em consideração que estamos em tempo de franca expansão industrial e nas universidades se preparam os futuros dirigentes da nação.

3. Tendência da vida religiosa no Brasil

A preocupação que os Superiores Maiores e todos os religiosos que têm de responder às exigências da própria vocação no atendimento às necessidades do povo de Deus, levou a Vida Religiosa a definir-se por dois polos que lhes são característicos: o assumir da missão e a busca da oração.

Como decorrência da sua consagração total a Deus e o interesse pelo bem do próximo, o religioso assume, "em harmonia com o carisma da fundação, os serviços a que Deus o chama e coloca-se, para isso,

à disposição para trabalhar no seio da Igreja a que pertence" (12).

Simultaneamente, o religioso busca uma oração mais genuína, mais profunda, orientada para o vigor do ser religioso e sua conseqüente ação apostólica.

Missão

Os Institutos religiosos no Brasil vêm respondendo ao apelo da Igreja, liberando religiosos capacitados para a pastoral e aumentando o número dos que passaram a dar sua

colaboração em paróquias e bairros, atendendo aos mais variados serviços (13).

Escolha do campo de trabalho e preparação dos obreiros. Nesta integração que está sendo feita de diferentes modos, de acordo com as diversas realidades, poderíamos assinalar alguns pontos comuns:

◆ Contatos dos institutos: com as diversas realidades, para sentir as necessidades religiosas, sociais, educacionais, sanitárias, promocionais, etc.

◆ Comunicação com os responsáveis pelas Igrejas particulares e pela pastoral de conjunto, para perceber anseios e preocupações bem como para reconhecer áreas prioritárias.

◆ Descoberta e entrevista com os religiosos que poderiam responder a tais necessidades, tendo em vista atender os carismas pessoais, dar-lhes possibilidade de expansão e irradiação.

◆ Preparo teórico-prático dos religiosos que assumirão o trabalho.

◆ Reflexão dos Conselhos Provinciais e novos contatos com os Bispos sobre a evolução do assunto e contratos de serviço.

◆ Resposta à realidade, tentando satisfazer às necessidades. Algumas vezes estas se limitam ao campo pastoral, mas freqüentemente há outros setores carentes: saúde, educação, migração (14).

Alguns grupos comunitários assumem em conjunto a pastoral na Igreja particular de acordo com o

carisma, as finalidades específicas de seus institutos e as prioridades pastorais. Outros se dedicam a obras internas da congregação, adicionando tarefas pastorais em tempo parcial.

Há ainda comunidades cujas obras são de pastoral ambiental ou atendimento a setores especializados que reservam alguns dos seus membros, exclusivamente, para as atividades paroquiais; outras ajudam na manutenção de comunidades em dioceses pobres em regiões missionárias. Alguns destes grupos têm salários elevados, mas depositam tudo no caixa comum; tentam um estilo de vida pobre e põem o fruto de seu trabalho à disposição da Província, para uso das comunidades mais necessitadas.

Inserção na vida do povo

Religiosos que exercem funções de coordenação e por deveres de ofício estão em contato com o povo abrem horizontes, antes acanhados; conscientizam-se de que a pastoral exige disponibilidade e o crescimento de um povo como Igreja tudo merece (15).

Freqüentemente, nos questionários e nas visitas feitas a comunidades devotadas à missão, é assinalado quanto os religiosos aprendem do povo nas atividades apostólicas, no convívio, e como, aí, encontram resposta para uma vida de doação. Cumpre-se o que a "AD GENTES" previa: "com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas" (16). É quase unânime o depoimento de que se aprende mui-

to com os simples e que se recebe mais do que se dá, quando se vai ao povo. Na ajuda mútua, no desprendimento, e sobretudo na partilha há no pobre uma riqueza imensa. A solidariedade dos irmãos é bem marcante. Presenciam os religiosos o Evangelho vivido na simplicidade. Têm oportunidade de perceber a riqueza e a grande potencialidade que existe em cada pessoa (17) mesmo entre os mais desfavorecidos humanamente falando. O apelo e o questionamento que é feito a nós religiosos ao vermos a vivência e disponibilidade evangélicas existentes em pessoas simples que não tem o compromisso que temos é algo que nos impele a uma mudança de atitudes e comportamentos. É exigência para "ser mais".

É digno de nota presenciar a opção já definida de muitos religiosos pelas áreas pobres como campo de trabalho e que tem suscitado criatividade e iniciativa em programas de promoção humana, concomitantemente ao anúncio explícito da Palavra.

É bom lembrar o trabalho de total abnegação de muitos religiosos que nos lugares mais afastados e desprovidos de conforto, nas selvas amazônicas ou nos sertões, se dedicam à difusão do Reino.

Inserção na Igreja particular

As necessidades novas criadas pela pastoral de conjunto, os numerosos setores geográficos sem pastor (são cerca de 400 as paróquias sem Vigário no Brasil) desvendaram campos imensos para a generosida-

de dos "consagrados ao absoluto do Reino" (18). Conseqüentemente, iniciou-se a interiorização geográfica da missão e a melhor distribuição dos religiosos nas Igrejas particulares o que dá aos fiéis o testemunho de que um só é o Reino, pois, "um só é o Senhor".

Onde quer que estejam é alentador verificar-se que estão aprendendo a trabalhar em equipe e a pastoral de conjunto já é uma realidade em muitas paróquias, dioceses e até regiões inteiras. Alguns institutos estão assumindo áreas atendidas por uma pastoral unificada, colocando suas comunidades em pontos estratégicos de influência. A experiência não só atende aos interesses apostólicos da pastoral de conjunto, como também favorece a ajuda, sustentação e animação recíprocas de comunidades da mesma família religiosa, reduzindo a problemática das transferências que, freqüentes vezes, é lamentada pelos Bispos (19). Nesse sentido merece atenção o fato de que religiosos de uma mesma área geográfica ou setor especializado estão iniciando maior entrosamento de maneira a poderem avaliar suas funções enquanto religiosos a serviço da Igreja particular (20).

A avaliação que já se faz em vários níveis e aspectos revela um aprofundamento da vida e da ação apostólica, indispensável para garantir e dar consistência às nascentes formas renovadas da vida religiosa que é um carisma da Igreja universal. O engajamento em novos campos por si só não assegura vida religiosa autêntica (21).

Setores especializados

a) **Juventude.** Tem merecido atenção dos religiosos a pastoral da juventude. Um país, porém, cuja metade da população tem menos de 20 anos, necessita de que sua Igreja, lhe consagre um número maior de apóstolos qualificados para esta pastoral. Os movimentos de jovens, têm, inclusive, beneficiado aos mesmos religiosos na valorização da própria vocação e do carisma de seus institutos, empenhando-se por isso na pastoral vocacional (22).

b) **Saúde.** Também no setor saúde há um esforço dos religiosos para tornar mais evangélica a sua atuação. Os religiosos enfermeiros estão procurando humanizar mais o atendimento e a vida nos hospitais, formando comunidade com os profissionais do campo, com os funcionários e pacientes, atingindo também suas famílias.

Fazem chegar sua solicitude à área da medicina preventiva: escolas, instituições, etc.

A evangelização nos hospitais exige do religioso um testemunho que só pode ser dado se sua vida comunitária lhe oferece um mínimo de condições. Para consegui-las algumas comunidades estão residindo fora dos hospitais. Muitas vezes procuram por si ou através de equipes paroquiais, adrede formadas, dar acompanhamento aos doentes na sua reintegração na família.

c) **Educação.** Dentro da filosofia a pastoral educacional, está se renovando, atendendo às diretrizes de

Medellin. O número de religiosos neste setor diminui, enquanto que a família não raro precária e lábil constitui também um desafio. A formação, porém, de equipes com leigos abre perspectivas novas.

Os cursos supletivos estão dando largas possibilidades de evangelização, atingindo classes até hoje marginalizadas. A educação integral favorece de maneira bastante satisfatória a transmissão da mensagem da salvação, através de uma educação libertadora, encaminhando o educando para assumir como membro consciente e responsável seu lugar na sociedade e na Igreja.

Pouco a pouco os religiosos que trabalham em colégios, hospitais e obras sociais estão se alertando para o perigo de se isolarem da pastoral de conjunto, ao mesmo tempo que despertam para a educação assistemática e para o uso dos meios de comunicação social. Há início promissor de complementariedade entre profissionais de diversas qualificações no mesmo colégio como também entre várias instituições.

O que se tem constatado é que nos diversos setores da pastoral é necessário ter fé no próprio trabalho, saber trabalhar em equipe, isto é, é preciso acreditar no que se faz e tentar ir adiante juntos renovando e inovando.

d) **Outros.** Muitos outros setores e campos de trabalho missionário poderiam ser apontados. Mas, se de um lado como ficou dito, este relato quer ser somente ponto de partida, por outro lado, aqueles que princi-

piam em caminhos novos nem sempre julgam oportuno divulgar algo que não encontrou ainda suficiente definição, pois está em busca de sua forma original.

Vejam agora, a outra característica da Vida Religiosa brasileira: a oração.

Oração

A vida de Cristo foi polarizada pelo Pai e pela missão.

Durante a sua permanência entre nós Ele não perdeu de vista estes pontos de referência: o Pai e a humanidade, simultânea e totalmente atendidos. Sintonia plena, unidade completa sem mutilações forçadas, pois o desígnio do Pai é salvar a humanidade.

Como Cristo, os religiosos querendo estar no seguimento na fé, no risco da esperança e na audácia do amor buscam traduzir tal seguimento numa oração mais vital e conseqüente. Hoje estes querem se espelhar no Cristo orante, no Cristo total ouvinte do Pai e total receptor das aspirações e necessidades da humanidade. Se assim é, nota-se então, uma maturidade muito grande em termos de oração.

É a Palavra — é a Eucaristia, é a conversão de todas as horas, é o irmão, é a realidade cada qual a seu tempo, ou conjuntamente, a fonte e o alimento para o religioso que “experimenta” Deus na oração e o liberta dos riscos de uma piedade infantil ou de um superficial devocionismo.

Vivência de intimidade com Deus

No processo renovador da vida religiosa no Brasil acentua-se de modo característico esta dimensão de oração. Por que? Quais as causas desta procura do único Absoluto? Quais as razões que conduzem por esse caminho? Parece-nos que são:

◆ A maior consciência da oração como uma realidade capaz de responder às profundas exigências da interioridade do ser.

◆ A coerência com a própria vocação: “seduziste-me Senhor” Jer 20,7, e nessa experiência de sedução o profeta não foi o único. O religioso a sente também e a extravaza numa vida de intensa intimidade com Deus.

◆ O crescimento da convicção de que as comunidades se constroem em torno do Senhor Jesus e é seu Espírito que une e vivifica.

◆ As exigências da missão. O povo de Deus quer ter pastores e não apenas pessoas que tenham grande cabedal de conhecimento ou grandes técnicas em dinâmica e planejamento. Tudo isto é válido, mas o povo quer no religioso alguém que alie o saber ao que é mais profundo e convincente: a conversão e a primazia do Absoluto de Deus na vida.

◆ Conscientização cada vez maior de que a participação na obra salvífica de Cristo Jesus tem como fonte propulsora a vida de intimidade com Ele, e de que a missão primordial do religioso é a formação de comunidade de fé, o que leva a aprofundar esta mesma fé e a crescer na esperança e no amor.

Movimentos de oração

Assim de alguns anos para cá há uma sede de aprofundamento espiritual, uma grande procura de Deus em "tempos fortes" de oração. Vários movimentos estão em pleno vigor de Norte a Sul do país: retiros nas mais variadas formas; exercícios espirituais; encontros de oração, "experiência" de Deus na oração; revitalização das vigílias, horas santas, caminhadas de oração.

Por toda parte as casas de retiros são facilmente lotadas, principalmente nos meses de férias e nos feriados e nos fins de semana.

Além disso estão surgindo as casas de oração e institutos femininos dedicando-se exclusivamente a isto, o que tem resultado constantemente em centros de espiritualidade ou "cenáculos de renovação espiritual". Trata-se mesmo de uma nova forma de diaconia para o povo de Deus. Nos institutos monásticos, tanto femininos como masculinos, alguns mosteiros tem-se aberto para esse serviço, favorecendo a partilha de oração a todos quantos queiram rezar.

Quem verdadeiramente experimentou a Deus sente necessidade interior de que o espírito de fé impregne toda a sua vida e não precisa de motivações exteriores para se proporcionar tempos fortes e quotidianos de oração prolongada.

Oração — missão

O engajamento pastoral na linha de oração é uma nova forma de viver a consagração-missão. Se o pre-

gador de retiro era uma figura habitual, comum não acontecia o mesmo com as religiosas. As orientadoras de retiro estão agora surgindo e, conforme alguns depoimentos, com bons resultados; exercem suas funções, ajudando religiosos, leigos, sobretudo casais, jovens, líderes de grupos e agentes de pastoral, etc.

Os encontros de pregadores de retiros espirituais estão se realizando e deles participam religiosos e religiosas de vários institutos, provenientes de todas as partes do país e que se dedicam de maneira especial, quase com tempo integral, ao anúncio da Palavra (23).

Com os jovens os encontros de oração atualmente estão tomando vulto. Como se processam? Eis um exemplo entre muitos:

"Nosso trabalho com os jovens e adultos tem sido feito em equipe, numa linha de reflexão e oração. A equipe é composta de quatro irmãs da comunidade, que assumem os retiros de fins de semana; cada um prepara um tema dentro do assunto escolhido para orientar a reflexão e a oração. Estes retiros são feitos com pequenos grupos de 12 a 15 pessoas, além da equipe. Atingimos os grupos de jovens, as catequistas e os líderes dos grupos de reflexão. Esses grupos sempre pedem outros encontros para continuar o aprofundamento e ter oportunidade de dar uma parada de vez em quando para rezar. A dinâmica é pensada de modo a favorecer o tempo para oração pessoal e para a partilha em grupo. Para facilitar aos participantes que trabalham, fazemos vigílias de ora-

ção, aproveitando as noites de sábado e a parte da manhã de domingo. Seguimos uma linha bíblica com temas que atingem a vida do grupo participante. De um modo geral, na avaliação, os pedidos são para mais dias de oração" (24).

Existem grupos que organizam seus encontros, programando etapas de aprofundamento nesta mesma linha.

O que se tem verificado é que a oração dá maior estabilidade aos grupos de jovens e que o "retirar-se para orar" os tem ajudado no amadurecimento, levando à uma opção vocacional mais lúcida e tranqüila inclusive pela Vida Religiosa.

Frei Vital Wilderink, OCD, em artigo publicado em **CONVERGÊNCIA** perguntava: Que estará na base da vida religiosa? E respondia: precisamente o gratuito, para além da liberdade, só existe o gratuito, a graça, o amor, a experiência de Deus... (25). Estará a Vida Religiosa no Brasil tomando consciência desta atitude fundamental? As formas renovadas da vida religiosa estão criando condições para tanto?

Vida Fraternal

A redescoberta da vida em comunidade é um fato. A fraternidade em torno da Palavra é um dos eixos sobre o qual se pensa e se tenta efetivar a renovação, uma vez que a vida em comunhão pertence à natureza mesma da Igreja e conseqüentemente da vida religiosa. Ela não é simplesmente um meio, em vista a um aprimoramento pessoal ou à

consecução da perfeição da caridade, mas é um fim.

É interessante notar que os depoimentos das comunidades ressaltam que os fatores de integração das fraternidades são, de um lado, a oração vital e comunitária, de outro a disponibilidade na missão.

A consciência da nova visão da vida religiosa, a preocupação não tanto em defini-la, mas em reconhecer e viver o seu núcleo teológico existencial tudo isto tem levado alguns grupos a um sério empenho em aprofundar a vivência comunitária.

As alegrias e os frutos dessa experiência têm sido muitos e ficam mais evidenciados: o processo de personalização; o carregar os fardos uns dos outros; a circulação dos dons, para a edificação do todo; a autenticidade de vida; as várias formas de corresponsabilidade; as várias formas de participação aparecem, por exemplo, nas sondagens antes das eleições para diversos cargos, nas avaliações periódicas pelas quais cada membro assume a marcha da comunidade e, no Senhor, a promoção integral dos Irmãos.

É "por causa do Reino" e até que "Ele venha" que os religiosos se reúnem em comunidade. Nessa permanência eles testemunham já, aqui e agora, aquela comunhão mais plenificante a que todos somos chamados. No entanto, esse testemunho no hoje da história traz alegria e gozo bem como é vivido na luta e na dor. A vida em comunhão se insere bem no âmago do mistério da Cruz. Hoje notamos com mais clare-

za que os grupos que se propuseram a esse testemunho fazem a experiência concreta da dimensão **kenótica** da vida religiosa. Se, de um lado, esta **kenosis** nos traz maior maturidade, de outro lado, trata-se de um equilíbrio frágil, sempre a ser encontrado. A simples mudança de um membro altera o grupo e modifica suas inter-relações. É preciso muito

desapego, fé e amor para entrar neste caminhar que estaciona desde que a pessoa se instala ou se fecha.

Por isso, a fraternidade bem sucedida, é o testemunho mais convincente da vivência evangélica; ficamos angustiados diante dos obstáculos tanto pessoais quanto comunitários à sua realização.

4. Expectativas a respeito da vida religiosa

A respeito da Vida Religiosa, alguns Bispos em resposta ao nosso pedido, nos externaram seus anseios e preocupações. Eles almejam para nós, Religiosos e Religiosas, mais: vida espiritual; testemunho de vida; maior entrosamento na Igreja particular e consciência da mesma na Congregação; novo estilo de vida; assumir pastoral como comunidade e não como pessoa.

Sintetizando percebemos que estes Bispos:

- a) Preocupam-se por uma sólida vida espiritual destes membros engajados na Pastoral de Conjunto. Atribuem os "excessos" ou "extremos" de experiências feitas nas Congregações, à falta de uma séria vida espiritual.
- b) Manifestam ansiedade e preocupação ao mesmo tempo, pelo testemunho que devem dar à comunidade que servem; testemunho não só como pessoas consagradas mas também entrosadas no trabalho de Igreja local.
- c) Questionam se o estilo atual de vida religiosa é o que os jovens procuram para se engajarem num

serviço de doação livre, ao assumir a Pastoral de Conjunto dentro do espírito missionário que caracteriza a vida religiosa, não o fazendo apenas como pessoa "isolada" desse elã missionário.

Daí a necessidade de uma consciência de Igreja Particular a ser implantada e vivida nas Congregações (26).

Conclusão

As novas formas de vida religiosa na Igreja surgem como as plantas: "se o grão de trigo não morrer..." Jo 12, 24-26. "No decorrer da história da Igreja, a vida religiosa teve sempre e, agora com maior razão, uma missão profética, a de ser um testemunho da escatologia (27). Para corresponder à sua missão é necessário que os responsáveis pela vida religiosa no Brasil acolham à luz da oração e da realidade, o que vem surgindo e se apresentando como novos caminhos. É sempre atual a exortação paulina: "Não extingais o espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo e retende o que for bom", 1 Tess 5, 19-21.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1. Documento de Medellin, VII B, 7.
2. Motu Proprio Ecclesiae Sanctae II, 1.
3. Vaticano II, Perfectae Caritatis, 2.
4. CLAR: "Vida Segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina", nº 22.
5. Vaticano II, Lumen Gentium VI, 46.
6. COMBLIN, JOSÉ, **Significado das Pequenas Comunidades**, Convergência, nº 28, outubro 1970, página 12.
7. BRITO, SEBASTIANA RODRIGUES DE, **Pesquisa sobre as Pequenas Comunidades**, Convergência, outubro 1970, nº 28, página 12.
8. COMBLIN, JOSÉ, artigo citado, página 14.
9. CRB: Pesquisa sobre novas formas de vida religiosa no Brasil, questionário 60.
10. CRB, Pesquisa citada, questionário 237, anexo 2.
11. Relatório da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, Província de Goiânia, GO.
12. CRB-São Paulo: **Os religiosos na Igreja Particular**, página 2.
13. Regional Nordeste II, Relatório 4, 1-4, Recife.
14. CRB, Pesquisa citada, Depoimento 4.
15. CRB, Pesquisa citada, Questionário 237 F.
16. Vaticano II, Ad Gentes, 11.
17. CRB, Pesquisa citada, Questionário 15 M.
18. TIERNY, JEANNE MARIE, **Novas experiências: comunidades intercongregacionais**, Convergência, novembro 1973, nº 63, página 534.
19. Documento de Medellin, VII, 25.
20. CRB, Pesquisa citada. Várias cartas estão nesta linha.
21. CRB, Pesquisa citada, Questionário 174 M.
22. CRB, Pastoral Vocacional, Convergência, março 1974, página 748.
23. Informe CRB, Convergência, nº 62, outubro 1973, página 451.
24. CRB, Pesquisa citada, Depoimento 3.
25. WILDERINK, O. Carm., **Refletindo sobre a vida religiosa**, Convergência, nº 62, outubro de 1973, página 462.
26. CRB, Pesquisa citada, Depoimento de Bispos.
27. Documento de Medellin, VII, B, 2.

RENOVAÇÃO DA VR NA AMÉRICA LATINA

OBJETIVOS DA CLAR

PADRE CARLOS PALMÉS, SJ
Presidente da CLAR

Introdução

Há muito desejava encontrar-me com vocês. Tenho bons amigos entre os religiosos do Brasil, porém não havia tido a oportunidade de estar presente a uma Assembléia Nacional.

Devem, pois, compreender a alegria que sinto neste momento em poder estar pessoalmente com vocês, a alegria de uns dias de convivência, compartilhando os mesmos ideais de vida religiosa, de reflexões em conjunto sobre temas essenciais de nossa vida.

Pediram-me que lhes falasse sobre os objetivos e motivações da CLAR na orientação de suas atividades. Creio ser proveitoso mostrar-lhes o que pretendemos e receber suas críticas e contribuições para nosso enriquecimento mútuo, melhorando nosso serviço para os religiosos da América Latina.

A CLAR pretende responder à inquietação dos religiosos da América Latina que aspiram à uma vida religiosa mais evangélica. Isto poder-se-ia concretizar nos objetivos que se seguem.

1. Uma vida religiosa mais autêntica

Todos nossos esforços se orientam para promover uma vida religiosa mais autêntica. Isto de modo algum significa um desprezo para as formas de vida religiosa que existiram até agora; porém, a necessidade de uma revisão para conservar

da tradição só aquilo que é expressão do verdadeiro espírito evangélico e constitui o cerne de nosso carisma, separando-o de tudo o que seja aderência histórica ou geográfica, formas transitórias da vivência do carisma, que foi uma resposta

adequada às necessidades de uma época ou de um lugar e que talvez exijam uma renovação ou uma substituição.

Não nos cabe definir "a priori" o que seja uma vida religiosa autêntica, pois deve-se levar em conta a situação concreta em que estão os religiosos. Procuramos levar à reflexão e fortificar os caminhos teológicos para que cada grupo, segundo seu carisma próprio e diante dos desafios de uma situação vital, encontre sua identidade religiosa no seguimento do Cristo.

Com efeito, as novas exigências do mundo atual, as inquietações do homem latino-americano, a nova orientação da espiritualidade trazida pelo Concílio, a voz de nossos bispos em Medelin, os movimentos religiosos, sociais e políticos destes últimos tempos na América Latina, são uma palavra de Deus que pede aos religiosos uma resposta válida de adaptação em um clima de fé e de realismo histórico.

Seria muito mais fácil optar por soluções radicais ou de derrubar as estruturas para começar tudo de novo, ou seguir simplesmente o caminho traçado do que se fazia anteriormente. Porém, isto não seria a maneira de proceder do homem prudente que "tira de sua arca coisas novas e velhas" (Mt 13, 52).

Insistência no fundamental

É preciso reconhecer que logo após o Concílio, houve uma reação extremista para libertar-se de formas obsoletas da vida religiosa, de formas esclerosadas, de legalidade

formalista, de uma espiritualidade de segregação. Explica-se a reação, mas houve ocasiões em que ficaram esquecidos os valores fundamentais da vida consagrada. Nota-se agora em todos os lugares e de modo particular na América Latina um desejo de aprofundar o carisma, a procura de nossa identidade. Nossas reuniões nestes últimos anos caracterizaram-se pela seriedade e sensatez, por um tom espiritual, pela alegria de verificar a coincidência de todos no ideal de nossa vocação. Procura-se fortificar a vida de fé compreendida não apenas como compromisso com o Senhor transcendente, mas como compromisso com o Senhor que vive no pobre e no marginalizado.

Procura-se também chegar a uma profunda experiência de Deus e de Cristo para que nos tornemos verdadeiras testemunhas do sentido transcendente da vida humana. Procura-se, finalmente, aprofundar a força libertadora de nossa missão apostólica a partir do sentido originário da consagração que, além da reserva a Deus, significa e inclui também uma missão de serviço e de salvação de nossos irmãos.

Em um mundo em que Deus presente é cada vez menos lembrado, nós com nossa vida de oração e de fraternidade, temos que tembrar aos homens que "Deus é Amor" e que está presente na História e no meio de nossa vida com o dinamismo da salvação.

Em resposta a estas inquietações elaborou-se um documento "A Vida Segundo o Espírito" que teve grande aceitação. Até nós nos sur-

preendemos com o êxito obtido e isto abriu nossos olhos e compreendemos que devemos insistir sem temor no aspecto espiritual de nossa vocação.

Nesta mesma linha criou-se uma equipe de teólogos que nos ajudam no campo da teologia e da espiritualidade mediante reflexão, participação em cursos e na elaboração de documentos.

A preservação e o enriquecimento dos diversos carismas da fundação são fundamentais à vida religiosa. Este pluralismo carismático é sinal de riqueza do mesmo espírito que age em diferentes níveis da vida e da sociedade como resposta a diversas necessidades e chamados que aí se manifestam. Propomo-nos ajudar a todos que, desejosos de descobrir mais claramente seu carisma de congregação, procuram superar uma visão meramente jurídica da Vida Religiosa e que leva a uniformidade. Isto não impede a elaboração de denominadores comuns a todos os Religiosos da América Latina.

Revisão dos elementos efêmeros

Do mesmo modo que temos que nos firmar cada vez mais no essencial de nossa vocação, temos também que ter audácia para enfrentar uma revisão de nosso modo de vida e do nosso modo de proceder, para que correspondam às exigências do homem atual. Na idade da eletrônica e da energia nuclear, não podemos lutar com armaduras medievais. O carisma de nossos fundadores foi-se cobrindo de

pó: “pó do tempo com normas, práticas e costumes que foram válidas em outros momentos históricos e que, talvez, nos tenham tirado a flexibilidade necessária para responder à voz de Deus nos “sinais dos tempos” e que os homens de hoje têm o direito de esperar de nós.

Há Congregações Religiosas que estão acertando seu passo na renovação — dentro de um risco que isto sempre supõe — e em outros casos talvez se tenham aberto muito repentinamente ou de maneira incontrolada. Outras, ao contrário, ao assistirem a tantas defecções, opuseram-se a qualquer mudança acreditando que os problemas se resolvem fechando-se as janelas. Nestas congregações a crise costuma apresentar-se de modo explosivo, após longos sofrimentos de pessoas de valor. Porém, a maior parte dos Institutos Religiosos na América Latina estão caminhando e desejosos de responder de maneira adequada à hora de Deus.

Tivemos provas de que em algumas nações da América Latina se está desenrolando um fenômeno doloroso. Isto acontece em número reduzido de congregações. Diria que é um fenômeno particular aos institutos de mentalidade fechada, especialmente nos femininos.

Há grupos de religiosas que perderam sua esperança de uma verdadeira renovação em sua Congregação e procuram inutilmente levar suas Superiores a uma maior abertura, da necessidade de certas experiências para encontrar novos caminhos que respondam às exigências de hoje.

Após um processo doloroso, estes grupos convencem-se de que não podem conseguir a renovação almejada dentro de sua congregação, e vêem-se obrigadas a pedir uma ex-clausuração ou a dispensa dos votos.

Evidentemente, entre as pessoas que deixam a vida religiosa muitas se esfriaram espiritualmente ou pretendiam um modo de vida incompatível com a consagração a que se comprometeram. Não falamos destas, mas das religiosas que nunca duvidaram de sua vocação e se agora procuram outros caminhos, é para poderem viver com maior autenticidade evangélica.

É lamentável que a Vida Religiosa perca tantas pessoas que poderiam contribuir de modo eficaz na verdadeira renovação, pessoas que em várias ocasiões estavam no número das de maior valor do Instituto.

Desejamos ajudar a todos para que, gradativamente, alcancem uma sã renovação, na qual se integram os valores fundamentais da vida religiosa com a colaboração do mundo atual. Se em qualquer momento, temerosos do risco ou das más interpretações, retivéssemos o dinamismo que o Espírito Santo está dando à vida religiosa, seríamos infiéis a nossa missão profética. Não teríamos mais razão de ser.

Formação do espírito crítico

Saber distinguir o autêntico do transitório, a medula do revestimento, o evangélico do geográfico, su-

põe um espírito crítico que não se deixa influenciar por primeiras impressões, quer dizer, requer capacidade de fazer um discernimento sério à luz de Deus.

É preciso advertir que a crítica não cria a realidade, mas a supõe. Esta crítica deve exercer-se dentro desta realidade, não para destruir a Vida Religiosa, mas para purificá-la. A crítica é válida na medida em que se ama o que se critica. Supõe um primeiro momento de inserção na realidade e, um segundo tempo, de distanciamento para assegurar a objetividade.

Por meio dos documentos que elaboramos e pelos cursos para Secretários de Conferências, para Provinciais e Formadores, desejamos criar um hábito de reflexão nas pessoas que têm uma responsabilidade determinada no caminhar da Vida Religiosa.

Vários destes cursos já se realizaram. Neles vemos os problemas comuns já abordados e se cria uma atitude de busca ativa para se elaborar soluções. A estes cursos assistem peritos que intervêm quando solicitados, porém, não são cursos nem conferências acadêmicas. Os participantes entram em contato com a realidade da América Latina em seus diferentes aspectos, comunicam suas experiências, refletem juntos. Não se pretende encontrar a "fórmula mágica" para formar os jovens ou para governar uma Província, porém, cria-se um dinamismo de busca e uma esperança, fundada na descoberta de um modo prático de realizar a nossa vocação.

2. Uma vida religiosa mais latino-americana

Um dos aspectos que mais nos preocupam e onde se divisam melhores perspectivas, é o encontrar um estilo de vida religiosa mais adaptado ao modo de ser latino-americano. Não se trata de fomentar um nacionalismo ou um provincialismo fechado, nem significa a necessidade de concessões, que possam acarretar a perda ou a diminuição do espírito da congregação, mas que seja o melhor modo de vitalizar e de dar autenticidade ao carisma de cada Instituto, criando-o novamente a partir das realidades em que está inserido.

Freqüentemente cometeu-se o erro de crer que as formas concretas da Vida Religiosa vividas na Europa, na América do Norte, são única expressão legítima do carisma de um Instituto. Quando estes Institutos vêm à América Latina e têm esta mentalidade, crêem que devem exigir a uniformidade com os países de origem, e se saem desta uniformidade acham uma falha contra o espírito do Instituto. Esta uniformidade constitui um empobrecimento e é uma fonte de crises e de defecções. Os superiores que estão distantes podem cair no simplismo de crer que as pessoas de tal região não são aptas para a Vida Religiosa ou que não merecem a confiança de exercerem o cargo de superior.

Como a Igreja deve adaptar-se à língua, aos costumes... aos povos que deseja evangelizar, também os carismas de nossos Institutos devem acomodar-se ao modo de ser das pessoas que hão de vivê-lo. De um

modo especial as congregações nativas devem partir dos valores de seu povo e não imitarem fielmente tudo o que fazem os religiosos vindos de fora.

Para que a adaptação se faça adequadamente deve-se ter sempre presente certos aspectos da Igreja latino-americana.

◆ É uma Igreja inserida em um Terceiro Mundo que toma a realidade como ponto de partida de sua reflexão e de sua ação. A Igreja tem tomado consciência da possibilidade e da urgência de criar seu próprio estilo de fazer a teologia iluminando com a reflexão de seu ser e de seu que fazer hoje e aqui. É uma teologia que parte das realidades concretas vividas hoje na América Latina para iluminá-las com princípios teológicos que, por sua vez, são relidos à luz dos acontecimentos da vida. O ponto de partida é a vida iluminada pela revelação e pela fé.

Em 1973 assistimos em Lovaina à reunião da Pro Mundi Vita sobre os novos ministérios na Igreja. Foi interessante a atitude teológica dos distintos países. Nossa impressão foi que os teólogos europeus e os norte-americanos apresentaram trabalhos de teologia moderna, brilhantes, com deduções interessantes, porém, especulativas. Ao contrário, os países do Terceiro Mundo e especialmente a América Latina apresentaram fatos vivenciais, experiências dos novos ministérios em várias nações com uma Igreja que

nasce entre nós. E sobre estes fatos discorria a reflexão teológica.

Talvez seja também esta a principal colaboração que se espera da Vida Religiosa latino-americana: a experiência de uma vida rica, pluriforme, cheia de dinamismo e de projeções para o futuro.

◆ O segundo aspecto de uma Igreja inserida em um continente onde primam os pobres e os jovens. A América Latina é um continente pobre, empobrecido, mantido na pobreza, onde se escuta "o clamor dos pobres".

Nestas circunstâncias a Igreja percebe que só poderá ser "sinal de salvação" de modo integral, à medida em que se coloca entre os pobres para caminhar com eles, como a Igreja da Esperança e da abertura ao Transcendente.

É também um Continente jovem e onde o poder do jovem já se faz sentir. Por isso é uma sociedade que olha mais para o futuro do que para o passado, para o novo mais do que para o antigo. É um povo com capacidade de criar, mais do que com o sentido de repetir ou de imitar. A Vida Religiosa deve estar também mais aberta para o futuro, ao novo, à esperança.

◆ É, por fim, uma Igreja em que os Povos valorizam mais o homem que as coisas. Em outros países dá-se um grande valor ao aproveitamento do tempo, à eficácia do trabalho, à organização, à técnica, à produtividade, etc. Na América Latina, ao contrário, tudo isto passa a um segundo plano e se aprecia mais o que se refere às relações

personais de amizade, compreensão, hospitalidade, isto é, por cima das coisas coloca-se a estima das pessoas.

E isto é algo que atinge ao ser das pessoas, na escala de valores que se viveu desde a infância. Se aos candidatos latino-americanos se lhes impuser valores culturais diferentes dos que constituem o cerne de sua vida, caminha-se para um fracasso certo.

A Vida Religiosa, cujo objetivo é viver intensamente a caridade, pode apoiar-se em outra forma de expressão. De fato, na América Latina deve-se dar ênfase à forma que está de acordo com o modo de ser das pessoas que não de vivê-la. Não se pode negar que a estima e o amor às pessoas é uma excelente base humana para se viver a caridade. Isto repercute muito na focalização da espiritualidade, da orientação da formação, no critério para os estudos no próprio país ou em país estrangeiro, na tendência a escolher superiores nacionais ou do lugar da fundação, etc.

Para que estes pontos de vista ficassem conhecidos, tivemos em 1973 uma reunião com um grupo de 70 Madres Gerais em Milão e depois em Roma com quase o mesmo número de Padres e Madres Gerais. Mostramos a necessidade de favorecer um estilo de vida latino-americano com o carisma de cada Instituto, da conveniência de que os Gerais junto com todo seu Conselho visitem pessoalmente as obras de suas Congregações na América Latina, de que existe ainda em algumas Congregações um excesso de

centralização e da conveniência de que os Superiores Maiores residentes na América Latina tenham maior

autoridade, pois já conhecem melhor a problemática e a idiossincrasia de nossos povos.

3. Uma vida religiosa mais comprometida com o homem

A Espiritualidade da Encarnação que nos trouxe o Concílio Vaticano II, na América Latina foi se concretizando cada vez mais em uma preocupação pela salvação do homem integral (Cfr Medellín, Introdução, n.º 6).

Já não se pode conceber mais um verdadeiro apóstolo que, ao evangelizar o nosso povo, não se preocupe com o nível de vida infra-humano em que muitos vivem, pela sub-alimentação, salários insuficientes, porcentagem de analfabetos, dependência escravizante de pessoas e nações.

Se na América Latina tem tido tanto êxito as ideologias marxistas entre a elite intelectual e as classes proletárias, talvez se deva a que nós, cristãos, não tenhamos levado a sério a fraternidade que pregamos e não tivemos a disponibilidade da partilha com os mais necessitados.

Os religiosos, vamos tomando consciência destas realidades e deixando posições "espiritualistas", vamos nos aproximando do homem nas diversas circunstâncias. É notável, por exemplo, o êxodo de muitos religiosos para a zona rural e os subúrbios com o desejo de partilhar da sorte dos mais necessitados e de trabalhar com eles. Não se quer dizer, que isto não se fazia antes, mas agora a proporção aumentou.

Começam a compreender que a missão profética da Igreja de denunciar a opressão total de pecado, de "violência institucionalizada" e de anunciar a libertação integral, só se pode realizar com a ação concreta e comprometida neste processo libertador. Muitos religiosos se perguntam se é possível evangelizar os pobres em uma situação de poder e riqueza, se será possível evangelizar os jovens estando apegados ao passado e sem abrir novos caminhos para o futuro.

No entanto, temos que reconhecer que os Religiosos na América Latina tomados globalmente, ainda apresentam uma imagem de riqueza e poder e não os vemos ainda bastante comprometidos com os pobres. De modo algum quero dizer que tenhamos que abandonar a classe média e alta da sociedade — que também são chamados à salvação —, nem que tenhamos de deixar os centros urbanos, pois são necessários para os que estão se formando e para atender a muitas obras; porém, é evidente que em conjunto ainda não estamos suficientemente ao lado dos mais necessitados, dos marginalizados, dos oprimidos.

Calcula-se que a população rural atinge na América Latina a 57,8%. A população urbana em 42,2%. E

nesta um 30% que vive nos subúrbios. Podemos dizer que o número dos pobres chega a 70% e a classe média e alta a 30%. No ano de 71, com a classe média e alta o número de religiosos era de 51,11% que trabalhavam com um grupo de 30% e o de religiosas era 65,54%. E com os 70% da zona rural e dos subúrbios, os religiosos eram 48,88% e as religiosas de 34,46% (cfr Estudo sociográfico da CLAR, pág. 120 e p. 68).

Atitude do Religioso diante da situação da América Latina

Diante da situação social, política, econômica, cultural de nosso povo, que alcança muitas vezes limites dramáticos, nós, Religiosos, não podemos ficar indiferentes. E em nossa atuação o ponto de partida só pode ser o da fé em uma perspectiva evangélica. Isto é claro. O que não é tão claro é saber o que temos que fazer. Há Religiosos que ao verem a complexidade dos problemas sócio-políticos, escolhem fechar-se em uma sacristia dizendo que não é de nossa competência imiscuir-nos nestes assuntos. Outros, ao contrário, especialmente os jovens, pensam que o compromisso com os homens, exige que cheguemos até a liderança política e muitos, se inclinam à violência.

O silêncio seria o mais cômodo para nós e um modo de fugir à resposta para que cada um continue procurando soluções por sua conta. É arriscado abordar tal assunto pois não há caminhos traçados anteriormente e também o assunto se presta a abusos e a más interpretações.

Todavia, Deus nos está falando com estes "sinais dos tempos" latino-americanos e não responder a seu chamado seria um grave pecado de omissão.

Por isso empreendemos o estudo da "Dimensão Política da Vida Religiosa". Este documento tem como objetivo ajudar os Religiosos a refletirem juntos para encontrarem a posição exata de pessoas que, de um lado, devem encarnar-se no mundo de hoje e, por outra, não podem perder sua identidade de consagradas. O documento tem sido estudado há mais de dois anos. Três redações diferentes enviadas às Conferências Nacionais foram recolhidas com críticas e colaborações. Finalmente foi aprovado na reunião da Junta Diretiva em Costa Rica, mas como se trata de um assunto diretamente ligado à Pastoral, nos comprometemos a que seja conhecido das Conferências Episcopais antes de sua publicação. Algumas Conferências nos fizeram uma série de observações que, provavelmente, atrasarão sua publicação.

Creio que todo o problema do Religioso é a situação sócio-política pode-se centralizar na necessidade de opções mais claras e definidas a favor dos pobres, vivendo esta opção em qualquer classe de trabalho. Este é, em nosso modo de pensar, a mensagem fundamental do documento.

Nesta mesma linha, outro problema que preocupa a muitos religiosos é o da educação. Na América Latina, 49,34% dos Religiosos e 55,67% das Religiosas trabalham

em colégios. Para muitos se cria um caso de consciência. Vêem a marginalização cultural de grande parte da população latino-americana, analfabeta ou com instrução muito precária, enquanto muitos dos religiosos educadores estão dedicados à classe média e alta, ou por que já têm estas obras, ou por necessidades econômicas ou por outras razões. Perguntas angustiosas são feitas: Os Colégios tradicionais devem ser conservados? É possível transformá-los? Os educadores devem se dedicar mais aos marginalizados? Como e em que proporção? Etc.

Para solucionar, iniciou-se um estudo sobre o "Religioso Educador".

4. Uma vida religiosa mais integrada na pastoral

Para medir o alcance e a responsabilidade da ação pastoral dos Religiosos nas comunidades cristãs da América Latina, é preciso levar em conta os fatos seguintes:

É inegável que a força apostólica mais numerosa e mais organizada com que a Igreja pode contar na América Latina são os religiosos.

É também verdade que esta força não é devidamente aproveitada, e de modo particular se olhamos para as 135.000 Religiosas que não participam suficientemente nas estruturas eclesiais da Pastoral. Não estão bem integradas no nível da ação e, praticamente, estão excluídas no nível do planejamento e da avaliação.

De outro lado, o anelo de fidelidade à realidade latino-americana exige uma revalorização e um apoio crítico ao catolicismo popular e, ao

Fez-se um primeiro esboço do assunto e se enviou às Conferências Nacionais para que fosse estudado por peritos. Com a colaboração recebida, redigiu-se em Bogotá o "Documento de Trabalho" que foi enviado às Conferências dos Religiosos para que os educadores possam ler, refletir. As críticas e sugestões serão recolhidas e se fará uma terceira redação que será submetida à aprovação da Junta Diretiva antes de sua publicação.

Com isso esperamos contribuir, abrindo novos caminhos e a incutir entusiasmo e esperança a muitos religiosos educadores.

mesmo tempo, uma inserção re-evangelizadora entre o povo.

A própria consagração religiosa ao absoluto de Deus facilita a abertura às opções concretas exigidas pelo lugar e pelo tempo. Isto ressalta a dimensão carismática e profética da Igreja. Sua ação pastoral deverá ser mais aberta e flexível, porém sempre à escuta das exigências do mundo atual.

Um problema crucial que leva a freqüentes dúvidas e conflitos provém de que os Religiosos devam unir dois pontos-de-vista no que se refere ao trabalho pastoral: o ponto-de-vista do Instituto e o da diocese ou da nação em que trabalha. Muitos Institutos são internacionais, têm um determinado carisma e as decisões sobre o pessoal e as obras são tomadas de acordo com um pla-

no de ação e de centros distantes. De outro lado, a diocese ou a nação têm necessidades concretas, urgentes e importantes, de acordo com o plano da pastoral. Frequentemente, os dois pontos-de-vista podem entrar em conflito, apesar de uma busca sincera a serviço da Igreja.

Sem dúvida, nos últimos anos tem havido maior abertura de ambos os lados cremos, porém, que se deve ainda procurar uma coordenação de esforços no plano pastoral. Às vezes, nós, religiosos, estamos por demais apegados a nossas obras tradicionais ou não damos atenção às necessidades da diocese e, faltamos também, flexibilidade para dar à diocese uma melhor colaboração. De outro lado, são os Bispos que, preocupados com necessidades pastorais imediatas, não estão atentos ao carisma particular de cada Instituto ou da situação interna da comunidade ou a sua visão do trabalho da Igreja é bem fechada. A tudo isto se acrescenta as diferenças de mentalidade. Às vezes são os religiosos, outras, os Bispos, e muitas vezes, ambos, que estão por de-

mais apegados às tradições e freiam as iniciativas dos que desejam responder aos novos chamados do Espírito Santo.

Nós, religiosos devemos estar cada vez mais disponíveis a dar à Igreja um serviço maior, pois para isso nossos Institutos foram fundados.

Com o objetivo de estreitar mais e mais os vínculos entre Bispos e religiosos, aproveitando assim a capacidade apostólica de 170.000 Religiosos da América Latina, o CELAM-CLAR está preparando um estudo "O Significado das Comunidades Religiosas nas Igrejas da América Latina". Os inquéritos que hão de constituir o temário estão sendo espalhados. Esperamos em breve uma reunião de um grupo de Bispos e de religiosos com especialistas que serão os assessores de ambas as partes, para aprofundar teologicamente a missão específica de Bispos e religiosos na procura de um modo prático de ação que proporcione melhor integração dos religiosos na pastoral.

5. Uma vida religiosa mais fraterna

Uma das aspirações mais profundas de todos os Religiosos, de modo particular na América Latina é uma vida religiosa mais fraterna. O modelo de uma comunidade centralizada em coisas, não satisfaz: o mesmo horário, as mesmas práticas, um mesmo hábito. Procura-se uma vida comunitária baseada em relacionamento pessoal de "amizade no Senhor": maior conhecimento, saber apreciar o que é bom do outro,

maior amor, vivência espiritual mais profunda, alegria de uma união fraterna. É consolador verificar que estamos caminhando decididamente para esta meta.

Nossas Comunidades na América Latina, estão chamadas a serem ambientes acolhedores, sinal visível e fermento realmente efetivo da reconciliação e da comunhão que Cristo nos ofereceu. Nos chamados

à Vida Religiosa em nossos países, participamos dos valores e das limitações da cultura de nossos povos. Estas características criam situações necessárias para se descobrir novos estilos de comunidades fraternas em que sentimos mais concretamente a confiança que nos une, o apoio total do grupo, a responsabilidade de uns pelos outros, o assumir o mesmo ideal de seguir a Cristo a serviço do povo.

De outro lado, a sociedade latino-americana está bem dividida por discriminações e segregações econômicas, sociais e ético-culturais. Neste contexto, torna-se urgente o sinal e o serviço das comunidades religiosas, para que sejam de reconciliação e ofereçam centros de uma fraternidade viva.

Temos como um de nossos principais objetivos incentivar uma vida religiosa mais fraterna, animando as comunidades autênticas, o relacionamento entre as diversas congregações, a comunicação com as Conferências Nacionais dos Religiosos, com diversas instituições internacionais.

Houve um trabalho especial em fomentar o relacionamento pessoal de alguns membros da direção da CLAR com as Conferências nacionais aproveitando-se da ocasião das Assembléias Nacionais ou de outros acontecimentos importantes. Apesar das viagens serem caras devido às longas distâncias, achamos que este trabalho de unir os Religiosos da América Latina, a construção de uma Igreja viva, tem muito mais valor que as obras materiais.

Assim se incentivam as relações de cordialidade e de ideais comuns entre os religiosos de outras latitudes. Em outubro de 1974, haverá, se Deus quiser, a reunião latino-americana de religiosos, em Bogotá. Nela estarão presentes uns 100 religiosos do Canadá, Estados Unidos e da América Latina. Os laços com os religiosos da Itália e da Espanha também estão se estreitando.

Instituições como o CELAM procuram a maior coordenação no trabalho comum de renovação da Igreja latino-americana. Isto permite-nos também ajudar-nos mutuamente com observações fraternas em um clima de maturidade espiritual. Fizemos muito bem a crítica construtiva do CELAM em uma reunião em Sucre e ainda outras críticas feitas por outros membros em ocasiões diversas. Também quisemos prestar nosso serviço ao CELAM manifestando o nosso ponto-de-vista.

Creemos também que a nossa organização ajuda ao relacionamento fraterno. Queremos que seja um espírito simples, que evite o espírito de empresa e o peso da burocracia. De fato, só existe a estrutura do Secretariado, e exigimos que seja aberto e flexível, para que possa servir a todos os religiosos no que esperam de nós. Além disso, os que fazem parte da Presidência e do Secretariado e os membros de diversas direções nacionais com os quais temos tido um relacionamento mais freqüente estamos unidos por um laço de amizade que se torna cada vez mais profunda, criando entre nós um ambiente de alegria e de confiança mútua. Isto permite-

nos trabalhar em perfeita harmonia dentro de uma equipe.

Em nossas visitas e reuniões temos tido grande alegria, vendo o clima de confiança e de simplicidade, de gozo espiritual que sentimos ao encontrar-nos. Não é isto ape-

nas uma impressão pessoal, mas de todos os que tivemos a ocasião de vivermos juntos alguns dias com grupos de religiosos. Compreendemos então o chamado de Deus aos religiosos da América Latina para que sejam um sinal da fraternidade no mundo em que vivem.

PARA O RETIRO MENSAL

DOMINGO, PÁSCOA SEMANAL

1. Tema para reflexão

Como é que nós religiosos celebramos o Domingo? Qual sua teologia? Qual sua espiritualidade? São perguntas que merecem uma resposta de nossa parte. Por isso, a vivência semanal do Dia do Senhor pode constituir ótimo assunto para um retiro mensal de uma comunidade.

1. O que é o Domingo

A Constituição Litúrgica do Vaticano II apresenta-o como “o dia de festa primordial”, dizendo: “Em cada semana, no dia que ela chamou de Domingo a Igreja comemora a Ressurreição do Senhor” (Cf n.º 102). Mais adiante diz a Constituição: “Devido à tradição apostólica que tem sua origem do dia mesmo da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra cada oitavo dia o Mistério Pascal. Esse dia chama-se justamente dia do Senhor ou domingo. Neste dia, pois, os cristãos devem reunir-se para, ouvindo a palavra de Deus e participando da Eucaristia, lembrarem-se da Paixão, Ressurreição e Glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os regenerou para a viva esperança, pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os

mortos. Por isso, o domingo é um dia de festa primordial que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis, de modo que seja também um dia de alegria e de descanso do trabalho” (n.º 106).

Contudo para bem compreendermos o sentido do Domingo convém relacioná-lo com o Sábado dos judeus, pois é nele que a Páscoa semanal cristã toma sua forma e origem.

O descanso semanal constituía inicialmente um dia de descanso social, tanto entre os hebreus como entre os povos vizinhos. Contudo, após o Êxodo este dia adquiriu novo significado. De social tornou-se religioso, inserindo-se na história da salvação do povo eleito.

O descanso sabático foi relacionado com a criação e a nova criação, ou seja, a eleição do povo de Israel. Quando Deus completou sua obra viu que tudo era bom e descansou no sétimo dia. O Sábado dos judeus comemorava a obra da criação do mundo bem como a criação do homem e sua manutenção na existência pelos frutos da terra. Mas, Deus realizou uma nova criação, libertando um povo da escravidão. Foi quando o povo começou a celebrar pelo descanso também a libertação da escravidão do trabalho opressor. Era a celebração da Páscoa semanal.

Mais tarde, acrescentaram o elemento do culto na comemoração do Sábado. Portanto, o repouso e o culto são dois elementos da celebração da Páscoa semanal dos judeus.

Com a ressurreição de Cristo, o Sábado judeu foi esvaziado para dar lugar ao Domingo cristão. Também Jesus trabalhou e descansou no sétimo dia. Deste descanso na esperança brotou a nova criação no primeiro dia da semana.

Os cristãos compreenderam que na ressurreição de Cristo acontecia a nova páscoa, a páscoa verdadeira. Transformaram aos poucos este dia em memorial da Morte e Ressurreição do Senhor. Inicialmente santificavam-no pela celebração da Eucaristia. E mais tarde, transferiram o descanso sabático dos judeus para o domingo, como outro elemento da comemoração da Páscoa semanal.

Como os judeus, também os cristãos, pelo culto e pelo descanso celebram o mistério da salvação. O descanso evoca a criação do mundo e do homem, bem como sua nova criação pela ressurreição de Cristo, e a nossa ressurreição nele e por ele. O descanso dominical evoca a condição do homem livre da escravidão do pecado e do jugo opressor do trabalho. Ele trabalha sim, mas de modo livre na qualidade de rei da criação, como quem brincando com o mundo criado.

2. Elementos da celebração do Domingo

O Domingo é por natureza um dia diferente dos outros, um dia de festa. Um dia em que saímos da rotina, do ordinário do dia-a-dia, para evocarmos mais intensamente a vocação escatológica do homem.

Por isso, o Domingo será um dia de culto mais intenso, pois é no

culto que o homem celebra de modo mais profundo sua vocação transcendental. Além do culto, temos o repouso dominical. O repouso é um sinal de festa capaz de evocar a felicidade trazida por Cristo e que se manifestará na parusia. Por isso religiosos e religiosas que durante a semana trabalham profissionalmente em hospitais ou colégios deveriam realmente suspender o trabalho aos domingos para gozarem de justo repouso que refaz as forças. Devemos lembrar-nos que o descanso dominical tem um caráter cultural. Por isso, não é justo tanto sob o aspecto humano como religioso que estas irmãs sejam convocadas quase compulsoriamente para se dedicarem em tempo integral à catequese ou outros trabalhos pastorais aos domingos.

O Domingo é, sem dúvida, também, o dia de exercício mais intenso de nossa vocação messiânica. Por isso, a catequese, o anúncio da palavra de Deus em nossa missão profética; por isso, a convivência fraterna, a reconciliação, o gozo do viver fraterno, no exercício do sacerdócio universal; por isso, o recreio, o passeio, o divertimento sadio no exercício da realeza em que o homem, sentindo-se rei da criação brinca com ela sem a ela estar subjugado; por isso, o exercício mais intenso das obras de misericórdia: a visita aos enfermos, aos que sofrem, aos encarcerados. Em tudo isso o homem na imitação de Deus e do Cristo exerce a gratuidade para com seus irmãos.

No Domingo dedicar-nos-emos mais intensamente à oração parti-

cular e comunitária; a leitura espiritual terá um lugar especial.

Por fim, deveríamos cultivar também as manifestações externas de uma festa. Elas constituem sua linguagem. Pertencem à festa a preparação da casa, a limpeza, os adornos, a música, roupa mais bela, comida mais caprichada. Tudo isso quer expressar um pouco do antegozo da parusia. O Domingo constitui uma antecipação da parusia, pois as realidades futuras e permanentes já são vividas no mistério. Aos domingos não deveríamos usar relógio, pois a festa abole o tempo caduco para fazer-nos viver momentos felizes de eternidade que revigoram as nossas forças em Cristo para enfrentarmos os dias da semana.

3. A Semana Litúrgica

O Domingo leva-nos a fazer uma observação sobre a Semana Litúrgica. Se o Domingo constitui a celebração da Páscoa semanal, como vimos, os demais dias da semana possuem também um caráter particular.

A segunda-feira comemora de modo particular o mistério de Pentecostes e com ele o mistério da Igreja, pois a Igreja nasce no Pentecostes por obra do Espírito Santo. Terças e quartas-feiras realçam ainda a vocação eclesial do homem realizada nos santos. A quinta-feira vem carregada de sentido a partir da Quinta-feira Santa. É o dia em que vivemos a fraternidade expressa particularmente no mistério eucarístico. A sexta-feira evoca particularmente o mistério do sofrimento

de Cristo e da Igreja. A Cruz domina este dia. E como resposta às exigências da Cruz temos a penitência. E assim podemos celebrar a parusia manifestada em Maria.

O sábado cristão é o dia da consumação, o dia em que em Maria contemplamos as realidades últimas que nos aguardam. Por isso, o sábado é dedicado de modo especial à Maria. Esta visão unitária da se-

mana como Semana Litúrgica em que vivemos todo o mistério de Cristo desdobrado nos diversos dias da semana, aparece sobretudo na nova Liturgia das Horas. O uso das Missas votivas durante a semana também deveria reger-se por este critério. O Domingo, porém, é o dia que ilumina toda a semana, é o dia em que vivemos todo o Mistério de Cristo e da Igreja.

II. Questionário para eventual reflexão em grupo

1. Como a nossa comunidade está celebrando o Domingo?
2. Qual o sentido do Domingo, Páscoa Semanal dos cristãos?
3. O que poderíamos fazer para que o Domingo de nossa comunidade seja realmente um dia de festa semanal?

III. Celebração da Palavra de Deus

1. Acolhimento

D: Abramos esta celebração com um trecho do Salmo 32 (v. 1-8), que celebra a criação do mundo, bem como a nova criação em Cristo Jesus. Recitemo-lo à luz do que diz São Paulo aos Colossenses 1,26-27: "...esse mistério oculto desde séculos e manifestado aos santos... é o Cristo em vós, a esperança da glória".

Antífona:

T: Aos corações retos convém o louvor.

A: Exultai de alegria no Senhor, ó justos!
Homens retos, a vós convém louvá-lo!

B: Dai graças ao Senhor ao som da harpa,
para ele tocai as vossas cítaras.

- A:** Cantai para ele um canto novo,
com arte sustentai a louvação;
- B:** porque é reta a palavra do Senhor,
digno de fé tudo o que ele faz.
- A:** O Senhor ama a justiça e o direito;
a terra é plena do seu amor.
- B:** Pela palavra do Senhor foram feitos os céus
e os exércitos celestes pelo sopro de sua boca.
- A:** Como num odre as águas do mar ele reúne,
os oceanos mantêm em seus limites.
- B:** Que toda a terra adore o Senhor,
tremam diante dele os habitantes do mundo!
- A:** O Senhor fala e o que ele diz é feito;
ordena, e o que ele quer, existe.

D: Oremos

Ó Deus, que quisestes submeter as forças da natureza ao trabalho do homem, concedei que, aplicando-nos com espírito cristão à nossa tarefa, possamos, unidos a nossos irmãos, praticar a verdadeira caridade e colaborar na obra da criação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

2. Leituras

Primeira leitura:

D: Ouçamos como os cristãos do 2.º século celebravam o Dia do Senhor.

Leitor: Leitura tirada de São Justino, Mártir (Apologia I, 67).

E no dia chamado do Sol, realiza-se uma reunião num mesmo lugar de todos os que habitam nas cidades

ou nos campos. Lêem-se os comentários dos Apóstolos ou os escritos dos profetas, enquanto o tempo o permitir. Em seguida, quando o leitor tiver terminado a leitura, o que preside, tomando a palavra, admoesta e exorta a imitar estas coisas sublimes.

Depois nos levantamos todos juntos e recitamos orações; e como já dissemos, ao terminarmos a oração, são trazidos pão, vinho e água e o que preside, na medida de seu poder, eleva orações e igualmente ações de graças e o povo aclama, dizendo o Amém. Então vem a distribuição e a recepção, por parte de cada qual, dos alimentos eucaristizados, e o seu envio aos ausentes através dos diáconos.

Os que possuem bens e quiserem, cada qual segundo sua livre determinação, dão o que lhes parecer, sendo colocado à disposição do que preside o que foi recolhido. Ele por sua vez socorre órfãos e viúvas, os

que por enfermidades ou outro qualquer motivo se encontram abandonados, os que se encontram em prisões, os forasteiros de passagem; em uma palavra, ele se torna provedor de quantos padecem necessidade.

Fazemos a reunião todos juntos no dia do Sol, porque é o primeiro dia, em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o cosmos, e Jesus Cristo, nosso Salvador no mesmo dia ressuscitou de entre os mortos, pois na véspera do dia de Saturno o crucificaram, e um dia depois do de Saturno, que é o dia do Sol, tendo aparecido aos seus Apóstolos e discípulos, ensinou-lhes precisamente o que propusemos também à vossa consideração.

(Momento de silêncio)

D: Cantemos o Salmo 132 que proclama a beleza do convívio fraterno. **Cantos e Orações**, n.º 139.

Evangelho: Mt 12, 1-13.

D: Jesus previne os discípulos contra a escravidão do legalismo. O Dia do Senhor não deve servir para escravizar o homem, mas para libertá-lo. O Domingo é antes de tudo o dia em que o homem comemora sua capacidade de fazer o bem.

Leitor: Faz a leitura de Mt 12, 1-13.

Pode seguir uma partilha sobre o significado e a espiritualidade do Domingo.

3. Resposta à Palavra

D: A exemplo dos primeiros cristãos que se reuniam em fervorosa oração pelos governantes, pelos necessitados e por todos os homens, elevemos a Deus nossas fervorosas preces.

1. Por todos os benefícios que de vós recebemos na celebração do Dia do Senhor, nós vos damos graças, Senhor.

T: Glória a vós, Senhor.

2. Pelas vossas maravilhas manifestadas na criação do mundo e do homem e na Redenção pela Ressurreição de Cristo, nós vos damos graças, Senhor.

T: Glória a vós, Senhor.

3. Para que saibamos valorizar devidamente a Páscoa Semanal, vivendo a libertação em Cristo no serviço dos irmãos, roguemos ao Senhor.

T: Senhor, escutai a nossa prece.

4. Para que pelo culto, o repouso e as boas obras façamos cada semana a experiência do Reino de Deus, roguemos ao Senhor.

T: Senhor, escutai a nossa prece.

5. Pelos que não sabem celebrar o Dia do Senhor e pelos que, escravizados pelo trabalho, não conseguem, para que sintam a seu modo a alegria da caridade cristã, roguemos ao Senhor.

T: Senhor, escutai a nossa prece.

6. Pelos que sofrem, pelos enfermos, pelos encarcerados, pelos indigentes que não têm a graça

de experimentar as alegrias do Dia do Senhor, roguemos ao Senhor.

T: Senhor, escutai a nossa prece.

(Intenções livres)

D: Rezemos com amor e confiança a oração que o Senhor Jesus nos ensinou:

T: Pai nosso...

(Segue o rito da Comunhão, caso houver)

4. Conclusão do rito

D: Cantemos: Anunciaremos teu reino, Senhor (**Cantos e Orações**, n.º 533).

D: Oremos.

Ó Deus, Pai de todos os dons, nós vos proclamamos fonte de tudo o que temos e somos; ensina-nos a reconhecer vossos imensos benefícios, e amar-vos de todo o coração e com todas as forças. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

D: Que Deus esteja sempre convosco, que nos proteja com seu poderoso auxílio e nos guarde em paz.

T: Amém.

D: Bendigamos ao Senhor.

T: Graças a Deus.

LIBERTAÇÃO DA MULHER

NA AMÉRICA LATINA

IRMÃ MARIA AGUDELO, ODN

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, devo reconhecer as deficiências do presente trabalho, especialmente em três pontos:

a) Pediram-me que escrevesse sobre os “movimentos de libertação da mulher na América Latina” e estou certa de não ter conseguido. Realmente, nem fiz uma tentativa, para não me limitar a uma simples lista de datas, organizações, atividades, e ainda incompleta no meu caso e que não permitiria traçar as linhas decisivas que expressassem o que é o fenômeno da busca da libertação da mulher na América Latina. De outro lado, parece-me impossível abraçar o continente, e na ambição de fazê-lo existe em mim e

em muitos o “mito” de uma América Latina uniforme. Uma, é a unidade inegável de nossos povos em aspectos fundamentais e, outra, uma espécie de unanimidade que não considero uma utopia esperançosa, pois destruiria as riquezas de cada grupo humano marcado por sua história e por circunstâncias ambientais.

b) A segunda deficiência, certamente fundamental, relaciona-se com o momento de mutações em que vivemos, com características especiais na América Latina, no que diz respeito à focalização, intensificação, formas, e consequências. Mudança que provoca entre nós o cruzamento crescente de correntes, e a comunicação que, de certo modo, diminui as

distâncias, de outro modo dificulta a relação profunda e a compreensão entre as pessoas em situações determinadas, atingindo com seus **slogans** as ideologias, e conduzindo com pressões psicológicas.

- c) Em terceiro lugar, minha limitação pessoal. Como todos os que se interessam por este tema, estou em contato com grupos e situações, através de diversos países, lendo com interesse o que se escreve sobre este assunto. Porém, isto me dá apenas o direito de afirmações, cientificamente globais sobre a libertação da mulher através do subcontinente. Conheço apenas um campo limitado, o das religiosas, e as que conheço através da CLAR. Posso demonstrar algumas situações importantes para elas e interesso-me pelo seguimento do processo de suas buscas de promoção pessoal e de sua participação em todas as buscas.

A impossibilidade de responder às expectativas dos Organizadores deste Seminário, sem dúvida, trouxe-me resultados positivos. Tenho agora a convicção do urgente prosseguimento na promoção, conhecimento, conscientização, colaboração e organização, no plano da emancipação da mulher latino-americana e a importância de animar a todas, em todos os setores desta busca.

De acordo com o que foi dito antes, meu **ESQUEMA** reduziu-se a:

- I — Movimentos significativos no mundo de hoje, em relação à promoção e libertação da mulher.
- II — Repercussão do movimento feminista em alguns grupos de mulheres da América Latina.
- III — Forças vivas atuantes na libertação da mulher latino-americana de hoje.
- IV — Conclusões.

I — MOVIMENTOS SIGNIFICATIVOS NO MUNDO DE HOJE

Movimentos “feministas”

Há quase um século, um movimento de massa impulsionou as mulheres de diversos países a fazerem uma pressão para obterem melhores condições quanto aos direitos políticos. O primeiro feminismo foi “sufragismo”.

Não obstante, a condição da mulher, apesar de tantos esforços,

apresentava, na primeira metade do século XX, notáveis discrepâncias e aspectos desconcertantes. Em alguns países, podiam votar, mas não serem votadas ou podiam ser votadas, mas só ganhar dinheiro com licença do marido; ou ainda, receber um salário e administrar seus bens e propriedades, mas sem igualdade perante às leis de divórcio, ou, podendo ter tudo isto, mas sem po-

derem exercer a carreira política, diplomática, sem poder chegar a serem juíza, ou perdiam a nacionalidade ao casar-se, etc.

Realmente, com o direito ao voto, com o ingresso nas universidades, com o exercício de uma profissão, com igualdade perante a Lei, a mulher parecia não haver encontrado o posto social a que aspirava.

Por este e outros motivos, pessoas ingênuas acreditavam que o feminismo pertencia ao passado. Surgiu, de modo particular nos EUA, mas propagado em quase todos os países do mundo, um movimento de "libertação da mulher", organizado sob diversas formas e com manifestações bem radicais.

Fenômenos como o realce dado novamente aos valores passivos da mulher, a superestima da condição de esposa e de mãe, a exaltação da família tradicional, as ocupações especialmente domésticas assinaladas à mulher, tornaram-se manifestações de crise ou de retrocesso. Estes fatos foram postos em evidência por Betty Friedan em um livro bem expressivo: *A Mística da Feminilidade*.

Atualmente, Friedan dirige a **NOW** = Organização Nacional de Mulheres. Suas militantes transformaram as situações que indicam desprezo da mulher e lutam contra isto. Geralmente, são recrutadas na classe média, desejam **reformular** o sistema, e, no momento, satisfazem-se com sua "carteira dos direitos da mulher".

Depois de a NOW, apareceu o Movimento de Libertação da Mu-

lher, **WLM**, mais agressivo e **mais revolucionário**, integrado por mulheres mais jovens, tendo um compromisso no protesto radical da esquerda e com uma formação mais política e menos pragmática.

Baseados nestes dois grandes movimentos feministas norte-americanos, os outros dividem-se em duas grandes categorias: reformistas e revolucionários.

Indubitavelmente, os "modelos" propostos por estas correntes e que os meios de comunicação difundem por toda a América Latina, influenciaram em certas camadas sociais, porém, de modo bem limitado. Não são manifestos, segundo meus conhecimentos, movimentos feministas deste tipo. O anterior tem razões que, mais adiante, hei de expô-las.

A influência da ONU

Ultimamente, a Organização das Nações Unidas conseguiu uma transformação bem significativa no "status" da mulher, ao ratificar em sua CARTA a fé nos direitos humanos fundamentais e nos direitos de igualdade do homem e da mulher, em todas as nações, sem exceção de raça, sexo ou religião. Certamente, há ainda muito que fazer, mas já em princípio são reconhecidos os mesmos direitos, porém, em muitos casos, isto não passa de teoria, sem uma realização concreta.

Em fins de 1971, quase todos os países desenvolvidos davam à mulher o direito à nomeação governamental, exceto nas funções militares. As condições melhoraram ainda

em 1972, de modo que em 123 países, a mulher pôde apresentar-se como candidata para diversos cargos públicos, na mesma condição que o homem, e obteve votos. Em 59 países, exercem um cargo oficial; em 69, ocupam cargo elevado na diplomacia e em 20 países são embaixadoras.

Em toda esta transformação é **inegável o papel da ONU**. As Nações Unidas estão obrigadas a cumprir as cláusulas da CARTA, e se lhes proíbe qualquer discriminação por razão de sexo, como diz o artigo 8: "A ONU não poderá colocar oposição alguma na elegibilidade de homens e mulheres para participar em qualquer cargo e em iguais condições, em seus órgãos principais e subsidiários".

Finalmente, em 1973, as Nações Unidas propuseram planos para a celebração, em 1975, do Ano Internacional da Mulher, tendo o seguinte objetivo:

- a) Promover a igualdade do homem e da mulher.
- b) Assegurar a plena integração da mulher no esforço global do desenvolvimento, destacando a importância de sua participação no plano social, econômico, cultural e nos demais níveis.
- c) Reconhecer a importância da crescente contribuição das mulheres no desenvolvimento das relações amistosas, da cooperação dos Estados e para o reforço da paz no mundo (Res. 3010, 8 dezembro 1972).

União Mundial de Organizações Femininas Católicas (UMOFC)

Também em nível internacional e sem o cunho de movimento, é muito valiosa e de grande influência o trabalho do Conselho da União Mundial de Organizações Femininas Católicas e de suas filiais. Seu principal objetivo é a promoção da mulher no respeito e no exercício dos direitos inerentes a toda pessoa. Junto a certas organizações internacionais a UMOFC teve intervenções felizes em um trabalho sério no estudo e na formação. O Conselho, reunido na Bélgica em novembro de 1973, deu o seu voto para que a proclamação do Ano Internacional da Mulher "seja uma contribuição para o progresso da promoção da mulher, que é uma exigência de justiça e dinamize a construção de um mundo mais solidário e mais humano". Convidou as organizações que lhe são afiliadas a participarem de uma maneira positiva desta celebração.

Mulheres e Homens na Igreja

É interessante observar dentro do feminismo e dentro da Igreja, já há alguns anos, como grupos, sem nenhuma relação entre si, foram se organizando, e todos procuram a colaboração entre homens e mulheres no seio da Igreja católica. Alguns destes grupos se encontram, achando em métodos diversos, objetivos comuns. Por isso, em 1970 organizou-se em Bruxelas um Secretariado Internacional chamado "Femmes et Hommes dans l'Église".

Esta organização não nasceu de um protesto, mas de um descobrimento que só a colaboração das mulheres e dos homens entre si, em todas as tarefas da Igreja, permite acolher de forma válida a mensagem evangélica e testemunhá-la no mundo de hoje.

“Femmes et hommes dans l’Église” está formado por leigos de ambos os sexos, sacerdotes, religiosos e religiosas; quer contribuir na tomada de consciência da riqueza da mútua colaboração e do empobrecimento de todo trabalho na Igreja que não tenha sido assumido pela responsabilidade de ambos os sexos. Em quanto à metodologia e aos objetivos, compreende o grupo que não deve sustentar decisões isoladas que reforçam a situação existente, mas deve situar sua ação na perspectiva de uma visão global que se relacione com toda a Igreja de Jesus Cristo. Para isto, procura favorecer o encontro daqueles preocupados por um mesmo fim.

A Igreja

Por último, desejaria falar sobre a Igreja católica, em grandes linhas, já que teremos que nos ocupar do trabalho da Igreja na América Latina.

A situação da mulher na Igreja, está assinalada por uma ambiguidade: de um lado, defendem-se a dignidade da mulher e sua igualdade com o homem. De outro lado, mantém certas discriminações que contradizem com sua doutrina teológica e oficial.

Segundo esta doutrina, as discriminações tornam-se um contra-sinal

dos valores evangélicos. Historicamente, a mensagem cristã significou uma libertação importante para a mulher. Porém, está claro que a Igreja ao penetrar numa sociedade patriarcal como a romana, deixou-se infiltrar em suas instituições e também em sua compreensão teológica, uma visão da mulher em tensão com a boa nova do evangelho de Jesus Cristo. Por isso, uma série de discriminações perduram até os nossos dias. Porém, há um progresso na consciência eclesial em relação à mulher e a seu papel e percebe-se nos ambientes que possuem alguma formação e mais abertos, a urgência de superar este problema na prática.

Não se pode desconhecer que a autoridade da Igreja e a autolibertação da mulher, dentro da própria organização eclesiástica, se bem que muitos ainda digam serem tímidos estes passos. É evidente, e o Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos acaba de confirmar com dados que, nas organizações centrais de Roma há uma presença feminina, cada vez mais capacitada, ativa e eficaz, ocupando postos de responsabilidade.

A Santa Sé, proporcionando e continuando o estudo das responsabilidades e direitos da mulher na Igreja, agora um fato oficial, constituído por uma Comissão mista para o estudo da função da mulher na sociedade e na Igreja, sabe que há ainda muito que fazer para superar as situações de discriminações e reconhecer a mulher no cargo que lhe compete.

II — REPERCUSSÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA EM ALGUNS GRUPOS DE MULHERES NA AMÉRICA LATINA

É bem diferente a situação da América do Norte e da América Latina, e logo, são bem distintos os caminhos a seguir. Fatores históricos e preconceitos antigos determinam as atitudes e os destinos.

Em relação às Américas, deve-se levar em conta o objetivo dos emigrantes em sua vinda ao Novo Mundo e os fundamentos jurídicos de sua atuação, e de modo especial, o momento e o modo em que vieram suas mulheres.

O espanhol e o português vieram sós, conquistando terras para seu Soberano, ávido de poder e de ouro, com um código romano que dava ao homem, poderes absolutos. Os emigrantes e colonizadores que vieram para os EUA pertenciam a comunidades já formadas na Europa, chegaram à América do Norte com a intenção de aí se fixarem; eram peregrinos em busca de um lar, traziam suas mulheres e famílias, com quem partilhavam plenamente a vida. Sua legislação, teve por base o direito comum anglo-saxão que preparou o caminho para fazer a justiça com a mulher.

Qual a situação real da mulher latino-americana, diante de sua emancipação?

Como já afirmei, movimentos, correntes, esforços, estudos, tiveram sua influência, se bem que numa visão global tão concreta o quanto possível, é preciso reconhecer que

existem muitos fatores que retardam a emancipação da mulher na América Latina, além da situação de subdesenvolvimento e dependência em que vivem muitos de nossos povos.

Insisto, como já disse no início, que temos que nos precaver nas generalizações, para não cairmos em abstrações. Teríamos que distinguir os diversos grupos, pois a unidade dos países latino-americanos faz-se por situações.

Indígenas do planalto, empregadas domésticas, mulheres dos operários das grandes cidades, operários das fábricas, religiosas educadoras ou hospitalares, mulheres de um meio social independente, donas de casa de famílias tradicionais burguesas, mulheres da elite intelectual ou política, etc.

Obstáculos ao processo de emancipação

Em muitos destes grupos há condicionamentos psicológicos, também nas jovens, e certa passividade que impede a evolução. É inegável o conceito paternalista por parte da sociedade e da Igreja hierárquica.

Pode-se verificar a imagem inferiorizada que tem de si mesma, além da atitude de superioridade do lado do homem, ou, ao menos, sua falta de interesse para promover a mulher para mais altas responsabilidades no domínio social e cultural.

Este momento de transição situa a mulher na América Latina em um ponto de referência mutável que se deveria conhecer para atuar com maior segurança, aproveitando-se do momento. O contexto em que se encontram, agora, muitos grupos de mulheres, não estimula, pois apresenta as características da sociedade tradicional; índice de variabilidade de comportamento bem reduzido; isolamento, pouca abertura, padrões fechados e estáveis na ação e nos sentimentos; exemplos do passado não permitem as mudanças e dão um tom de desconfiança a todo relacionamento.

Também deve-se levar em conta que os conflitos de situações nunca foram tão profundos na América Latina como em outras regiões, e nossas mulheres não têm o senso de solidariedade na mesma proporção em que desconfiam de suas possibilidades para resolverem os problemas que enfrentam no continente. Isto continuará por muito tempo, se não conseguirmos que as universitárias de hoje se entusiasmem por carreiras que as torne capazes de exercerem uma influência nos pontos-chaves.

Desde 1950, em quase todos os países latino-americanos, as mulheres têm um cargo no governo e na política. Porém, apenas um pequeno grupo aspira à colaboração nas diretivas de agir. Muitas, em seus cargos públicos, ocupam postos que consideram uma continuação de sua situação tradicional de mulher, ou limitam-se a certos aspectos deste cargo ou realizam apenas tarefas "femininas". Por isso, conclui-se

que, possivelmente, não convém, no momento estimular um grande número a participar de cargos em que ficarão mais na evidência, pois a maioria estando em grupos profissionais de tipo mais tradicional, freiam seu trabalho.

Porém, se as mulheres não estão preparadas para postos onde se tomam decisões políticas importantes no momento histórico, este problema não deve ser solucionado imediatamente? É necessário que cheguem a realizar seu trabalho em áreas importantes do desenvolvimento integral.

O que foi dito anteriormente explica, em parte, mas não justifica, o que os movimentos de libertação e, especialmente, as iniciativas de promoção, tenham tido pouco êxito no passado e que haja grande dificuldade para que muitas mulheres se interessem por um trabalho de competição com os homens ou de colaboração em igualdade de condições. Isto, porém, não significa que estejam contentes com sua posição.

Experiências

Pode-se notar, entretanto, que nos encontramos em um momento de transição para diversas formas, com ritmos diferentes e modalidades diversas, visando, porém, uma independência e responsabilidade da mulher em tudo o que diz respeito a sua vida social.

Em setores do mundo feminino que me são mais familiares, acho alguns pontos válidos:

◆ Estima do sistema co-educacional e aumento relativo de possibilidade em todos os níveis.

◆ Mais oportunidades de realizar a vocação, dentro e fora do lar.

◆ Modificação do papel de esposa e de mãe.

◆ Critérios mais arejados quanto à escala de valores e ao comportamento.

◆ Oportunidade sempre crescente para uma capacidade maior de auto-determinação.

◆ Progressiva superação do mito da superioridade masculina, e, com isto, adesão ao princípio da autoridade partilhada.

Mesmo assim, verificam-se na sociedade, mudanças de opiniões:

● Abertura relativa da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes, para novas formas de ministérios e para confiar à mulher cargos de responsabilidade.

● Mudanças na estrutura sócio-econômica.

● Maior proteção legal no aspecto trabalhístico, cultural, familiar e social.

● Incremento da emigração rural-urbana, em procura de melhores oportunidades.

● Acesso que se verifica aos estudos de todos os níveis.

● Participação nos afazeres políticos, presença na vida sindical, em carreiras jurídicas e diplomáticas.

Quanto a este último ponto, sabe-se que o sufrágio feminino foi obtido primeiramente no Equador, em 1929. A partir desta data e nos anos seguintes, estendeu-se a outros países do continente. Firmando-se neste ponto, a mulher iniciou-se na atividade política, chegando a ocupar cargos parlamentares, a aspirar à presidência do País, como ocorreu na Colômbia em 1974. Claro, em tão pouco tempo, sem contar com outros fatores, não se despertou totalmente a consciência política da mulher. Falta-lhe, em vários setores, uma educação cívica suficiente.

A época de integração latino-americana que vivemos, está apressando o processo de compreensão da mulher diante de sua tarefa, no momento histórico por que passa o Continente.

Diretivas

Em todas as classes femininas de nossos povos, notam-se traços comuns em relação ao processo de emancipação. Primeiramente, não há, na América Latina, restrições legais que impeçam à mulher a estudar ou a exercer uma profissão, pois estas restrições, em sua maioria, já caíram. Porém, há dificuldades de meio, criadas e fomentadas pela situação global e pelas próprias mulheres. Muitos, hoje, afirmam que as mulheres mudariam, se quisessem, porém, como conseguir, mesmo querendo, se submersas em situações de dependência, de ignorância, de marginalização?

As mulheres de classe média não são uma massa inerte. Trabalham, cada vez maior número, participam do desenvolvimento das empresas, têm atividades tradicionalmente femininas, colaboram com o governo local, etc. Porém, deveriam ter uma preparação mais técnica para que, eventualmente, sua contribuição ao desenvolvimento fosse mais significativa. Teriam também que mudar sua visão e não identificar sua vocação com a função materna.

A mobilização da mulher no terceiro mundo tem características especiais em relação à integração social. O princípio que suprimiu a desigualdade dos sexos, só pode aparecer de uma ideologia destinada a suprimir os obstáculos sociais e culturais. Isto é, para nós, o feminismo caminha com a erradicação das formas que permitem a in-

justiça social. Faz parte dos objetivos do processo dirigido a que todos os cidadãos participam da vida social.

Trata-se de uma situação de busca da verdadeira libertação e não de campanhas individualistas e tendenciosas de grupos que, contra outros reivindicam seus direitos, e ao serem reconhecidos, privam aqueles de seus direitos. Isto caracteriza o feminino da América Latina em relação aos movimentos extremistas norte-americanos.

A elaboração de um contexto favorável à igualdade exige leis. Por isso, os esforços autênticos de libertação que descobrimos em alguns setores latino-americanos são uma busca de harmonia dentro dos interesses dos indivíduos, dos grupos e da nação.

III — FORÇAS VIVAS ATUANTES NA LIBERTAÇÃO DA MULHER LATINO-AMERICANA DE HOJE

A Igreja Católica

A Igreja Hierarquia e a Igreja, Povo de Deus em seu conjunto, até que ponto contribuem ou impedem o movimento de libertação da mulher em nossos países? Num olhar global e comparativo, é a Igreja quem mais tem feito neste campo, e ela igualmente, com visão mais clara e maior precisão abriu caminhos de compromisso dos cristãos com uma libertação integral, a partir de Medellín.

De fato, reconhece efetivamente a co-responsabilidade da mulher na vida eclesial, em vários níveis.

◆ Paróquias e Vicariatos episcopais.

◆ Aceitação dos carismas da mulher, como membro do Povo de Deus.

◆ Participação no planejamento, orientação e decisão do plano pastoral em Conselhos Pastorais, — Conselhos Episcopais, Conferências de Religiosos, Confederação Latino-Americana de Religiosos.

A Igreja admite, deseja e pede a preparação da mulher em Teologia e Pastoral, que a torne capaz

de cargos de responsabilidade e para que tenha acesso a novos ministérios. (Todavia, ao lado de atitudes positivas que promovem a ordem, facilitam uma comunicação mais aberta entre a Hierarquia e as religiosas, entre Hierarquia e leigos, entre sacerdotes e religiosas, religiosas e leigos, em uma ordem para a construção de um Povo de Deus mais maduro ao lado de fatos positivos para a superação de situações injustas, apresentam-se também atitudes negativas e surpreendentes, se as analisamos com relação à teoria exposta e, de modo particular, se as confrontarmos com a mensagem do Evangelho.

São atitudes que limitam ou impedem a emancipação autêntica da mulher: Legislação que paralisa; falta de consulta e de confiança; utilização e inferiorização; desconhecimento de sua capacidade e de seus carismas.

Estes fatos acontecem na América Latina, às vezes em nível hierárquico; às vezes, em nível pessoal e de grupo, imbuídos das estruturas do passado e por correntes teológicas superadas.

UMOFC para a América Latina

Já fiz uma alusão à UMOFC Internacional. A Regional trabalha, desde 1963, com um programa sistemático e bem elaborado tratando ultrapassar formas antiquadas de grupos que foram eficazes em seu momento histórico.

O objetivo geral designado no programa é "Promoção da Mulher,

tendo como base a sua formação pessoal, social, eclesial, visando a sua participação na vida da sociedade e da Igreja". De modo particular o trabalho é feito através dos Seminários, que evoluíram em metodologia e em suas focalizações e deram origem a outras atividades, como os "Centros de Formação Feminina", os "Grupos de Diálogo" e outras.

Com tudo isto, a UMOFC tem conseguido que suas dirigentes da América Latina reflitam, e através de suas dirigentes, grande número de mulheres de diversas classes sociais pensam maduramente sobre as exigências das mudanças de estruturas, sobre o compromisso com a libertação integral — de modo particular a partir de Medellín — sobre a educação permanente e a de adultos, sobre a relação entre fé e política, e finalmente, sobre a identidade da própria mulher.

Tudo isto, com um olhar criador de um ambiente de amizade, de abertura, de compromisso, de diálogo-ecumênico. A sede é em Buenos Aires, onde se publicam boletins e folhetos.

CIDAL (Coordenação de iniciativas para o desenvolvimento humano na América Latina)

Com sede em Guernavaca, no México. Não é um centro de investigação científica, nem um movimento de libertação, mas um "Projeto de promoção humana," particularmente para a mulher latino-americana. Está organizado como

centro de documentação, meio de relacionamento e contatos, lugar de informação, formação e revalorização da mulher, a serviço da América Latina.

CIDAL expressa assim o seu objetivo: "Colaborar na revalorização das mulheres, dentro do processo de libertação global latino-americano, servindo a grupos, movimentos e indivíduos com interesses semelhantes". Publica um Boletim "LA MUJER", e organiza com outras instituições, cursos e seminários.

Em relação à mulher marginalizada, fundou em Temapeche (México) uma equipe local que ESCUTA e DEIXA FALAR a mulher do campo. Em setembro de 1974, houve um Encontro, em Guatemala, sobre o papel da mulher do campo na educação.

Igrejas Protestantes

Estabelecem-se na América Latina como em outros continentes e em sua evolução adquiriram um cunho autóctone, na medida em que sentiram a situação e as necessidades do meio. Imitando o que se fazia na Igreja matriz, organizaram-se em federações regionais ou mundiais, com denominação característica.

No começo, eram grupos de mulheres "auxiliares", para evangelizar a outras mulheres e prepará-las para o serviço em diversos ramos ou para arrecadar fundos para suas igrejas. Com a promoção da mulher, ampliam seu campo de ação,

procuram contatos e confrontam-se com os grupos semelhantes na região, na nação, no continente.

Adaptaram-se aos diversos níveis de mulheres, segundo as regiões, idades, estados e, atualmente, vivem um momento em que se preocupam com a interrogação: estão trabalhando dentro de uma estrutura herdada, que não corresponde mais às necessidades atuais?

São incontestáveis alguns de seus êxitos: Acentuação e compreensão da interiorização e do testemunho. Educação para a responsabilidade e o exercício dos direitos. Sentido do serviço comunitário e do espírito missionário. Ter dado a origem a grupos feministas de matizes diversos.

As "Hermanas"

Nos Estados Unidos, a mulher latina sofre uma dupla discriminação e, conscientes disto, alertaram-se e formaram um movimento constituído por religiosas méxico-americanas, paralelo — se bem que com características diversas — ao movimento "Los Padres".

As "Hermanas" promovem cursos de formação e de promoção, para contrabalançar o complexo de inferioridade das religiosas de duas culturas e para que se sirvam deste fator para sua promoção e a de seu povo. Nesta mesma linha, procuram que assumam um cargo de liderança e que suas Congregações as consultem assim como as Organizações nacionais, tratando-se de tudo o que diz respeito ao hispânico.

Um dos graves problemas que enfrentam é o de religiosas empregadas domésticas, sem a devida preparação cultural e religiosa e sem uma consciência plena de sua missão na Igreja. Para trabalhar neste ramo, organizou-se o "Proyecto México" de renovação e reeducação.

As "Hermanas", como outros grupos semelhantes, acham impossível a libertação do homem sem a libertação da mulher, e aprofundam o papel da mulher da sociedade e na Igreja. Os frutos já começam a aparecer: Irmãs que já têm cargos importantes na diocese dos USA, a serviço do povo hispânico.

A CLAR, Confederação Latino-Americana de Religiosos

A CLAR preocupa-se diretamente pela mulher consagrada, não porém, com exclusivismo. É um organismo misto, dirigido aos religiosos de ambos os sexos. Trabalhando com religiosos e religiosas, a CLAR o faz com todo entusiasmo para que as religiosas se convertam em promotoras de uma autêntica libertação de suas irmãs em Cristo, para a mulher latino-americana e para todo o povo.

Creemos que a mulher consagrada não pode estar alheia ao movimento de emancipação das outras mulheres do mundo e para isso, a mulher consagrada tem que ser autêntica, realizando livremente o Plano de Deus, estando de acordo com sua vontade salvífica e realizando-se como pessoas.

Com entusiasmo deve trabalhar, para que sua presença no mundo de hoje seja eficaz, mundo este por demais masculinizado, sociedade de consumo. Sua presença seja com uma visão para a libertação do sexo feminino, não como uma rebelião, mas como uma procura para que a mulher encontre seu posto de responsabilidade, de colaboração e de confiança.

Segundo isto foram elaboradas várias atividades da CLAR, como o Seminário para Irmãs que trabalham com marginalizados, em colaboração com a CIDAL; o seminário sobre a promoção da mulher, realizado com a participação da UMOFC e, principalmente, o estudo sobre "A Religiosa Hoje na América Latina", preparado durante dois anos através de inquéritos e consultas publicado no folheto n.º 13 da Coleção CLAR.

Segundo isto, mantém-se uma atitude que é expressa em comportamentos permanentes. Atitude de confiança na capacidade da mulher, da importância de uma pedagogia em conjunto que nos eduque uma mútua colaboração; atitude de esperança pelo potencial que a mulher representa na construção do Reino no continente; atitude de fraternidade de igualdade e de respeito. Tudo isto se reflete na estrutura da CLAR e na maioria das Conferências dos Religiosos; com possibilidades iguais na participação de cursos, seminários, postos de responsabilidade, etc.

Na CLAR estamos certos de que esta linha corresponde à vontade do SENHOR e à vocação do con-

tinente que queremos servir. Medir as influências e os resultados, é, certamente, prematuro.

Outros organismos

A OEA (Organização dos Estados Americanos) tem uma Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) que se define como "a mais alta organização para a promoção da mulher na América".

Esta Comissão, com representação em todos os países da América, afirma buscar "uma autêntica libertação, entendida em sua dimensão integral, isto é, transcendente. Porque essencialmente humana, pode responder efetivamente ao processo de desenvolvimento participado no qual a capacidade da mulher, num esforço conjunto com o homem, pode também se orientar para o destino próprio de cada país."

Atualmente, esta Comissão, mais bem organizada e mais dinamizada, parece "ter conseguido comprovar

a urgência de promover uma tomada de consciência sobre a responsabilidade individual e coletiva de atuação. Saber o que somos, o que queremos, o que podemos e o que devemos, numa etapa decisiva da história americana".

A Comissão Interamericana de Mulheres conta, para seu trabalho, com dinheiro, pessoal e grande estrutura burocrática. Este trabalho é educacional, no mais amplo sentido da palavra, com uma filosofia bem enunciada, bem assimilada por alguns dirigentes e realizada em toda a gama de sua escala, conforme as pessoas, os momentos e as circunstâncias.

Realiza em nível nacional: Seminários com Camponesas, Cursos para Dirigentes, Seminários de Integração, Seminários sobre Problemática da Juventude, Cursos de Promoção, Seminários de Educação e Desenvolvimento, Cursos sobre Meios de Comunicação.

IV — CONCLUSÕES

As conclusões práticas deixamos aos participantes deste Seminário. Quanto ao plano teórico, quero advertir: É difícil, hoje, contemplar o fenômeno de emancipação da mulher na América Latina. O certo é que não se trata de movimentos reivindicativos, individualistas e pragmáticos, mas de algo muito mais profundo e sem complicações.

O que se entrevê não são lutas para os direitos sociais, mas para uma realização pessoal, conforme

os padrões femininos e latino-americanos, que permitam o desenvolvimento da vocação da mulher em seus contextos culturais, políticos e religiosos da América Latina.

Há, atualmente, poucos trabalhos escritos por mulheres, e, em geral, falta no continente um guia amplo de fontes e orientações sobre o tema. Existem investigações intelectuais, porém, na maioria são americanos do norte. E como na Amé-

rica Latina é diversa a causa das mulheres, é também diferente o modo de encará-la, e são deficientes os estudos e fontes elementares.

Estamos em um momento em que captamos o futuro papel da

mulher na sociedade latino-americana, apesar de não ter sido elaborado, nem ter sido uma vivência histórica, apenas uma ou outra, à margem. O que se pode prever, é que a História mudará segundo a intervenção da mulher.

LIVROS NOVOS

S Í N T E S E — 1. Nova fase. Volume I. Janeiro/junho 1974. N.º 1. Edições Loyola. Ano 1974. Administração e assinaturas: Rua 1822, n.º 347. Caixa Postal, 42.335. 01.000 São Paulo, SP

Reaparece a revista **SÍNTESE POLITICA ECONÔMICA (SPES)**, cuja primeira fase se encerrou, após dez anos de publicação, em 1968. As razões que levaram à suspensão de uma revista que marcou sua presença nos dez anos de sua agitada existência, foram explicitadas no editorial do último número, intitulado "Missão Cumprida".

Hoje reaparece uma nova **SÍNTESE**. Nova pelo novo corpo de redatores que se responsabilizam por sua elaboração. Nova pela nova inclusão, no âmbito de seus interesses, da reflexão sobre os grandes problemas culturais contemporâneos. Nova, principalmente, pela nova síntese, em cuja elaboração pretende cooperar, dos elementos conflitantes que caracterizam a atual conjuntura brasileira. Síntese nova não é apenas um título, mas um programa.

Tudo indica que **SÍNTESE** guarda de seu passado a preocupação de fidelidade à verdade que transcende todas as conjunturas e todos os regimes. Do

presente, ela quer poder contar com a liberdade, garantida a todas as democracias, para as ousadias necessárias, a fim de ganhar altura sobre o chão agitado das paixões ideológicas e das contestações radicais e poder descortinar as grandes linhas da nova síntese que se esboça.

Do futuro, espera que se um dia for obrigada a encerrar esta nova série, possa fazê-lo com a mesma certeza tranqüila como se encerrou a primeira: **Missão Cumprida**.

INTRODUÇÃO À BÍBLIA, volume V/2, com antologia exegética. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 562. Tradução do original italiano de Ephraim Ferreira Alves.

O volume V/1 da **Introdução à Bíblia**, que vem a lume um ano depois do V/2, completa a parte dedicada ao Novo Testamento. Suas características não diferem substancialmente das do V/2, a não ser pelo menor número de capítulos, que são, porém, geralmente mais amplos. E facilmente se compreenderá o motivo: o presente tratado abrange, além dos Atos, o grupo mais importante das epístolas paulinas.

Poder-se-ão notar algumas diferenças no desenvolvimento das Amostras de Exegese com relação às Questões Introdutórias. Mas há de se notar também que onde a exegese é mais reduzida há um maior aprofundamento da análise e dos pontos doutrinários, como no caso da epístola aos gálatas, ou então se acrescentou um significativo Apêndice, como as perícopes escatológicas das Epístolas aos Tessalonicenses.

Uma procura mais rígida das proporções entre uma parte e outra teria levado a desfigurar as contribuições individuais e tornado ainda mais pesado o trabalho de coordenação e de controle e atuado pela direção, no intuito de fazer desaparecer inúteis repetições ou discrepâncias demasiado evidentes, não tanto nas opiniões, pois nisto se respeitou largamente a liberdade de cada Colaborador, quanto no método expositivo, na divisão e distribuição da matéria, na técnica das citações, das remissões e semelhantes. Trabalho pesado e ingrato.

Este diligente trabalho contribuirá para o conhecimento dos Livros Sagrados, não apenas nas Escolas Teológicas, em cujos programas o seu estudo, conforme o espírito do Vaticano II, deve ocupar o posto de honra, mas também entre os leigos cultos, que desejam levar o próprio conhecimento da Palavra de Deus a um nível proporcionalmente não inferior ao que atingiram em outros campos.

EXISTÊNCIA E EVANGELHO, Felix Alexandre Pastor. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 224.

A presente obra de F. A. Pastor, SJ, Professor de Teologia Sistemática na Universidade Gregoriana de Roma e Di-

retor dos Estudos no Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma, pensada e escrita num contexto existencial concreto, tem como apriori fundamental a convicção de que a realização existencial autêntica está submetida ao imperativo de uma dúlice aceitação: a de que o homem aceite ser cristão e a de que o cristão aceite ser homem.

Em outras palavras: a existência pessoal e a palavra do Evangelho são os dois polos fundamentais do viver cristão. A união do divino e do humano em Cristo deve corresponder em nós e na nossa comunidade eclesial, uma união de humanismo e cristianismo e, conseqüentemente, de humanização e de evangelização. Enquanto explicitação literária do fundamento teológico da espiritualidade cristã, as presentes reflexões pretendem focalizar as questões centrais que se apresentam a uma existência iluminada pelo Evangelho, no caminho do seu constante aperfeiçoamento.

No seu caminho, o homem encontra o Evangelho como anúncio da graça divina, como apelo pessoal e possibilidade histórica. Ora, o Evangelho concretiza-se na exigência de conversão pessoal, do seguimento radical, da existência missionária. Certamente é urgente achar o modo de que as comunidades de base desenvolvam sua riqueza carismática em uma adequada diversificação eclesial de ofícios e de funções, de modo que a Palavra de Deus seja eficazmente proclamada e interiorizada. Mas a Igreja deve também redescobrir o sinal dos doze e de Paulo no seu valor de símbolo da radicalidade cristã enquanto existência apostólica.

Somente no contexto de uma adequada valorização da radicalidade pro-

fética do seguimento de Cristo na diaconia do reino, poderá ser retamente equacionada a complexa questão da configuração eclesial das comunidades locais. As exigências de Jesus a seus discípulos, de abandonar tudo pelo serviço do Evangelho, deverão ter também hoje um espaço eclesial, para subsistirem no meio das comunidades na radicalidade do sinal profético.

EXISTÊNCIA E EVANGELHO pretende oferecer alguns pontos firmes e fundamentais de uma espiritualidade cristã existencial e aberta, radicalmente evangélica e dinamicamente comprometida com a missão. Originariamente, os primeiros destinatários do livro foram os estudantes brasileiros de Teologia do Pio Brasileiro de Roma. Mas a todos ele quer ser um testemunho de amizade e de fraternidade na fé.

PARA AMAR DE CORPO E ALMA, A. M. Henry. Tradução do original francês *Les difficultés d'aimer*, de P. A. Maia, SJ. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 136.

A preocupação do diálogo é uma dominante no livro. O autor se questiona sobre o assunto em que as perguntas são certamente numerosas. Mas não se perde no emaranhado moralismo em que muitos se perderam ao abordarem o problema de limitação da natalidade. Ele toma altura e descortina horizontes nos quais o próprio interessado poderá vislumbrar o caminho para as "suas" conclusões.

Sendo o homem a maior riqueza, importa mais perguntar-se com "quais" do que com "quantos" homens pode contar a humanidade. A situação concreta do homem dá mais luz do que os apriorismos desencarnados, na hora de procurar uma resposta realmente humana.

Muitos livros foram escritos e são lidos sobre o problema da limitação da natalidade. O planejamento familiar social, econômico, político, nacional, internacional. Pode ser que prestando maior atenção a um aspecto que a outro, e não livres sempre de tendências egoístas, as respostas apontadas sejam contrárias e até apaixonadas. Podem, mesmo, ser respostas contra o próprio homem.

É dever nosso procurar a conclusão que harmonize todos os valores e que venha a favorecer realmente ao homem. O livro oferece aspectos novos, originais e profundos, que orientam a quem sinceramente procura a verdadeira solução. A solução que ajudando ao ser mais do homem, agrade também ao Pai.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE, Pe. Afonso Gregory. Coedição Cerris-Vozes. Ano 1973. Páginas 192.

O livro tem como objetivo atender a uma necessidade pastoral cada vez mais sentida entre nós: ter, em português, uma publicação atualizada sobre as Comunidades Eclesiais de Base. Os estudos aqui apresentados tratam dos aspectos mais importantes das Comunidades Eclesiais de Base: aspecto bíblico, histórico, sociológico, teológico e pastoral.

"A vivência da comunhão a que foi chamado deve ser encontrada pelo cristão em sua comunidade de base, isto é, em uma comunidade local ou ambiental, que corresponda à realidade de um grupo homogêneo, e que tenha dimensão tal que permita o trato pessoal fraterno entre seus membros. A comunidade cristã de base é o primeiro e

fundamental núcleo eclesial que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é a sua expressão. É a célula inicial da estruturação eclesial e o foco de evangelização. E atualmente fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento" (Documentos de Medellín).

INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA E À SINTAXE, Benjamin Elson e Velma Pickett. Tradução do original norte-americano **An Introduction to Morphology and Syntax**. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 224.

O livro é indubitavelmente um dos mais objetivos e explícitos manuais de descrição lingüística, especificamente nos campos da morfologia e da sintaxe. Seguindo uma orientação nitidamente caracterizada da Gramática Tagmênica, movimento lingüístico iniciado por K. L. Pike em 1954 e continuado por outros estudiosos, muitos deles ligados ao Instituto Lingüístico de Verão. A leitura e o estudo de suas páginas revela ao pesquisador interessado a grande seriedade de propósito dos autores na elaboração do trabalho.

É especialmente no Brasil que a necessidade de tal obra se fazia sentir, pois entre nós ainda a lingüística é confundida amiúde com o ensino gramatical, como dizia o Professor Joaquim Mattoso Câmara Júnior. "Em regra, em matéria de sincronia, o que se tem feito em Portugal e no Brasil é o ensino gramatical como arte de falar e escrever corretamente. A lingüística só trata da história da língua e a descrição é substituída por um código normativo com vistas à prática escolar".

Faltava-nos realmente um manual de descrição lingüística em língua verná-

cula que fosse realmente claro e conciso. Vemos no trabalho de Benjamin Elton e Velma Pickett um tratado bastante acessível e que nos dá uma orientação segura sobre a difícil tarefa da descrição lingüística. Esta afirmação é particularmente apropriada porque atualmente está em andamento um projeto de descrição da norma culta do português falado no Brasil, pesquisa esta que está sendo elaborada sob os auspícios do PILEL — Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas, e que inclui os principais níveis de estruturação lingüística, ou seja, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, o léxico.

É bem verdade que a tagmênica não constitui uma verdade absoluta em nossos meios universitários. Desde 1969 a presente obra e a complementação que a acompanha servem de modelo às aulas do curso de morfo-sintaxe, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Marília, São Paulo. E no Curso de Pós-Graduação em Lingüística ministrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, há um Curso de Gramática Tagmênica, de excelente padrão de ensino.

A tradução do manual representa, contudo, uma notável facilitação do ensino e um precioso auxílio à difusão do manual de morfologia e de sintaxe entre nós. Das mais louváveis, pois, a decisão deste grupo de lingüistas do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Ayrton Rodrigues, Danielle Rodrigues, Marita Porto, Marta Coelho, Vicente Pereira de Souza) de traduzir para o nosso idioma o conceituado trabalho de Benjamin Elson e Velma Pickett que contará com a aprovação e o apoio de dezenas de estudiosos da lingüística espalhados por todo o Brasil.

ENCONTRO COM DEUS NO HOMEM,
Ladislau Boros. Tradução do original
alemão *Im Menschen Gott Begegnen*,
de Jesús Hortal, SJ. Edições Loyola.
Ano 1973. Páginas 160.

Ser cristão significa acreditar que Deus tem assumido totalmente a realidade humana. Deus acolheu em si mesmo tudo que é terrivelmente normal, que se repete continuamente e não tem brilho. Depois disso, o homem, para encontrar a Deus, somente tem que chegar a ser homem. Encontro a Deus nos irmãos. Exercendo minha própria humanidade deixo transparecer Deus.

Abandonar-se a esta realidade não exige um esforço desmesurado. Deus se fez nosso irmão, nosso próximo. O homem pode abrir-se a Deus no humilde serviço cotidiano ao irmão. Por isso o encontro com o próximo é exercício de autenticidade humana e ao mesmo tempo de abertura a Deus. Quando en-

contrarmos o caminho em direção ao irmão chegaremos a ser homens autênticos e teremos alcançado Deus.

Boros, nas meditações de **ENCONTRO COM DEUS NO HOMEM** procura dar uma resposta à tensão fundamental da existência humana, tensão que é possível exprimir em duas perguntas, há vários séculos exatamente formuladas por homens que, cada um a seu modo, se esforçaram honradamente por ser autênticos cristãos: "Como posso conseguir que Deus seja benévolo comigo" E, "Como chegarei a ser um homem verdadeiro?"

Deste mesmo teólogo, Edições Loyola já publicou "NÓS SOMOS FUTURO".

HERMENÊUTICA E CATEQUESE, René Marlé. Tradução do original francês *Hermenéutique et Catéchèse*, de Almir Ribeiro Guimarães. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 112.

Nos meios filosóficos e teológicos fala-se muito em hermenêutica. Ela é definida correntemente como a teoria da interpretação. A hermenêutica não se interessa somente pelos princípios que devem comandar a exegese de um texto mas pretende estabelecer leis gerais da compreensão e da comunicação.

O problema da hermenêutica está situado na encruzilhada das disciplinas mais representativas de nosso tempo, principalmente nas ciências do homem e da linguagem. René Marlé, redator da revista *Études e Recherches de Science Religieuse*, Professor do Instituto Su-

perior de Pastoral Catequética, em Paris, Professor do Instituto Superior de Estudos Ecumênicos, do Instituto Católico de Paris e da Faculdade de Teologia de Lião-Fourvière, é especialista na teologia protestante alemã.

Todos sabemos que a pesquisa da teologia alemã tem aberto novos caminhos no campo da hermenêutica. O autor do livro tenta fazer um resumo do pensamento dos principais nomes da teologia alemã e francesa frente ao problema da hermenêutica. Vemos desfilar Bultmann com suas questões da demitização, da interpretação existen-

cial e do Jesus histórico. Paul Ricoeur com sua hermenêutica redutora. Dietrich Bonhoeffer com sua interpretação não religiosa dos conceitos bíblicos. O presente trabalho oferece-nos bela síntese destes diversos autores e de seu pensamento.

René Marlé procura mostrar os percalços de certas afirmações. Importa que todos os responsáveis pela catequese e evangelização levem a sério as posições analisadas nesta obra a fim de que nossa pastoral traduza o mistério cristão em termos hodiernos.

VERBOS AUXILIARES EM PORTUGUÊS, Eunice Pontes. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 148.

Trabalho importante para os estudiosos de lingüística em que a autora estuda a tradição gramatical a respeito dos verbos chamados auxiliares em português, analisa a maneira pela qual se combina os verbos numa seqüência verbal, concentrando-se naquilo que mais discordâncias tem despertado entre nossos gramáticos: os verbos que se combinam com Infinitivo.

São sem número os problemas que têm surgido nesse tratamento lingüístico, e que a autora procura solucionar ou para os quais tenta, pelo menos, apontar o caminho certo e lógico de uma solução. Estes são apenas alguns tópicos gerais de um livro de enorme riqueza informativa e que vem atender ao apelo de inúmeros professores e estudantes, ainda com escasso material para melhor aprofundamento de nosso campo lingüístico. Seu estilo procura fugir do linguajar hermético das teses doutorais, o que torna o livro acessível não apenas a uma minoria restrita de especialistas, mas também a um maior

número de pessoas interessadas na renovação dos estudos lingüísticos do português.

A autora já lançou outro volume, anterior a este, pela mesma Editora Vozes, intitulado: Estrutura do Verbo no Português Coloquial.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

MANUAL PARA AGENTES PASTORAIS, Pe. João Molnas, CSSR. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 280. **EU SOU O VOSSO IRMÃO**, Pe. Roberto Peña, SJ Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 48. Livro dos Pais. Reflexões para serem feitas em grupo, só depois devem ser transmitidas às crianças. Transmitir vivência, vida, por isso é preciso refletir e pensar antes. **CONHECIMENTOS PRATICOS DE LEGISLAÇÃO DO TRABALHO**, Newton Luiz do Rego. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 152. **MEMÓRIAS IMPROVSADAS**, Alceu Amoroso Lima, Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 344. Subtítulo do livro: Diálogos com Medeiros Lima. "Livre e ligado a seu próximo na larga avenida humana em que beleza e justiça fazem da espera, esperança", Carlos Drummond de Andrade. "Para todo homem e para cada acontecimento há um minuto, uma hora, soa certa balada, em que ele próprio se torna história", Pèguy. **UMA JOVEM CHAMADA MARIA**, Pe. Zezinho, SCJ. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 64. "Naquele tempo, foi o Anjo Gabriel enviado a uma obscura cidade da Galiléia, a uma virgem que não tinha nada de Ingênuo, e que na sua inocência foi a primeira moça que realmente mudou alguma coisa na história da humanidade."

Crédito-

Acceptes cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

Distribuição e venda-

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

Investimentos -

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa
presta todos
os serviços
de um banco de
investimento.
E está entre os
10 grandes.**

O-Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução. Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento. Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração*Presidente*

Juscelino Kubitschek de Oliveira

Conselheiros

Lucas Lopes

Baldomero Barbará Filho

Louis Steuerman

Luiz G. de Souza Lima

Victor Nunes Leal

Fernando Geraldo Simonsen

Mme. Lilliane V. Schneider

Diretoria Executiva*Presidente*

Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes

Rodrigo P. de Pádua Lopes

Rodolfo E. Antici

Carlos Alberto Mendes

Henrique Souza Lima

Diretores

Roberto Lima Neto

Lúcio Santos Pereira

Marcos Milliet

José Guilherme Padilha

Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta

Carlos Murilo F. dos Santos

Wladimir Rioli

Júlio Rego

Evandro F. Paiva

Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022

São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880

Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9753 e

Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577

Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M

Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609

Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140